

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional**  
**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**

Rita de Cassia Marques

**PESSOAS NEGRAS PRATICANTES DE TÊNIS E LAZER:**

A distinção neste esporte de elite segundo Pierre Bourdieu

Belo Horizonte

2024

Rita de Cassia Marques

## **PESSOAS NEGRAS PRATICANTES DE TÊNIS E LAZER**

A distinção neste esporte de elite segundo Pierre Bourdieu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christianne Luce Gomes

Coorientador: Prof. Dr. César Teixeira Castilho

Belo Horizonte

2024

M357p Marques, Rita de Cassia  
2024 Pessoas negras praticantes de tênis e lazer: a distinção neste esporte de elite segundo Pierre Bourdieu. [manuscrito] / Rita de Cassia Marques – 2024.

96 f.: il.

Orientadora: Christianne Luce Gomes  
Coorientador: César Teixeira Castilho

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 80-85

1. Afro-americanos – Vida e costumes sociais – Teses. 2. Afro-americanos – Condições sociais – Teses. 3. Tênis (jogo) – Estudo e ensino – Teses. 4. Lazer – Teses. I. Gomes, Christianne Luce. II. Castilho, César Teixeira. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

## ATA DA 203ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RITA DE CASSIA MARQUES**

Às 10h00min do dia 30 de agosto de 2024, reuniu-se no Miniauditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "PESSOAS NEGRAS PRATICANTES DE TÊNIS E LAZER: A distinção neste esporte de elite segundo Pierre Bourdieu", requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

| Membros da Banca Examinadora                     | Aprovada | Reprovada |
|--------------------------------------------------|----------|-----------|
| Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora) | X        |           |
| Prof. Dr. César Teixeira Castilho (Coorientador) | X        |           |
| Prof. Dr. Neilton Ferreira Júnior (UFV)          | X        |           |
| Profa. Dra. Elisângela Chaves (UFMG)             | X        |           |

Após as indicações a candidata foi considerada: **Aprovada**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

*Christianne Luce Gomes*  
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)

*César Teixeira Castilho*  
Prof. Dr. César Teixeira Castilho (Coorientador)

*Neilton Ferreira Júnior*  
Prof. Dr. Neilton Ferreira Júnior (UFV)

*Elisângela Chaves*  
Profa. Dra. Elisângela Chaves (UFMG)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço *in memoriam* aos meus pais pelos ensinamentos de vida no que diz respeito a resistir a todas as formas de opressão. E, também, por que me ensinaram que posso tudo que desejar, basta focar e buscar com muita determinação e coragem.

A todos os meus irmãos, que, mesmo não estando o tempo todo por perto, sei que torcem por mim.

Aos meus colegas de trabalho no Centro Esportivo Universitário (CEU) da UFMG, que me acolheram nos momentos mais turbulentos desta trajetória acadêmica. Em especial, à supervisora Nathalia Mota Mattos Santi, que muito me ajudou nas minhas dificuldades de lidar com as tecnologias, ao meu colega Antônio Maria de Souza Junior pela solidariedade de raça, por entender sobre as dores e os embaraços que são impostos a nós, negros, pelo simples fato de existirmos.

Ao diretor do CEU, professor Luciano Pereira da Silva, à vice-diretora, professora Ana Cláudia Porfírio Couto, à ex-diretora Kátia Lucia Moreira Lemos. Com certeza vocês fazem parte desta caminhada, amo esse espaço lindo do Centro Esportivo Universitário, pois foi nele onde tudo começou, primeiro como tenista amadora e depois como pesquisadora.

Aos professores do PPGIEL pela paciência e ensinamentos, aprendi muito sobre a importância do lazer, confesso que pouco sabia sobre o tema. As leituras sobre a temática durante o curso, dos diversos autores, foram enriquecedoras.

Aos meus colegas negros tenistas, que vibraram comigo quando souberam que eu havia decidido anunciar, por meio de uma pesquisa acadêmica, que existem negros praticantes de tênis, que estão vivenciando o lazer no contexto de um esporte tão elitista e branco.

À minha orientadora, a Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, e ao meu coorientador, Prof. Dr. César Teixeira Castilho, obrigada pela compreensão e paciência de vocês. Acredito que foi um desafio orientar uma pessoa tão impulsiva como eu, mas acho que é isso, são essas experiências de vida inusitadas que nos permitem ampliar mais a nossa visão de mundo.

Finalmente, agradeço a Deus, por que, sem Ele, com certeza, eu não teria chegado até aqui, sou grata pela sua proteção e força. *Por dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, a glória, eternamente. Amém! Rm 11.36*

## RESUMO

O tênis é um esporte cuja origem remonta ao século XIII e, desde então, vem sendo constituído histórica, social e culturalmente como uma modalidade esportiva de perfil elitista. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, a partir da teoria do *habitus*, o tênis é um dos esportes de elite que distingue as classes populares das privilegiadas ao estabelecer gostos e estilos de vida distintos e distintivos. Neste contexto, esta pesquisa objetiva: a) investigar as vivências de lazer de pessoas negras praticantes do tênis de campo e b) verificar e discutir obstáculos socioeconômicos, culturais e raciais para as vivências de lazer das pessoas negras no contexto do tênis. Quanto à metodologia, a partir de uma abordagem qualitativa interpretativa, este estudo procura dar visibilidade e voz às narrativas de pessoas negras praticantes do tênis de campo. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas conduzidas, a princípio, por um roteiro com perguntas condizentes com os objetivos propostos. Por meio do método "bola de neve", foram entrevistados dez tenistas amadores e profissionais, em espaços públicos e privados de prática de tênis na cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais. Os relatos foram colhidos com o auxílio de um gravador de voz e, não sendo possível realizar as entrevistas pessoalmente, os sujeitos da pesquisa contribuíram com a pesquisa respondendo às perguntas, por escrito, inseridas em um formulário on-line do Google Forms. A princípio, foi feita uma pré-análise das informações coletadas para explorar o seu conteúdo, o que foi aprofundado à medida que as entrevistas foram transcritas. Tais informações foram categorizadas na fase de análise e, com respaldo dos conceitos-chave de Bourdieu, foi possível definir três categorias analíticas: 1) O tênis e as vivências de lazer de pessoas negras, 2) O gosto e o estilo de vida de pessoas negras que apreciam o tênis, e 3) Capital econômico e sua relação com os processos de distinção nos esportes de elite. Os principais resultados evidenciam que, diante do atual processo de diversificação social do campo esportivo do tênis, o acesso de pessoas negras no esporte ainda é interditado e/ou dificultado pelos dissimuladores de direito de entrada, quais sejam: a tradição familiar, a aprendizagem precoce, a conduta e as técnicas de sociabilidade de praxe, que se manifestam como estruturas estruturantes para a manutenção das posições hierarquizadas de distinção. Além do capital econômico, diferentes obstáculos culturais e raciais precisam ser superados para que seja possível ampliar o acesso e tentar viabilizar a permanência de pessoas negras no espaço social do tênis. Isso é essencial quando se considera o desafio de ampliar o leque de experiências culturais de lazer de pessoas negras, tanto no Brasil quanto em outros países.

Palavras-chave: Lazer, Pessoas Negras, Tênis, *Habitus*, Gosto e Estilo de Vida

## **ABSTRACT**

Tennis is a sport that dates back to the 13th century and, since then, has been historically, socially and culturally constituted as an elitist sport. According to sociologist Pierre Bourdieu, based on the theory of habitus, tennis is one of the elite sports that distinguishes the working classes from the privileged ones by establishing distinct and distinctive tastes and lifestyles. In this context, this research aims to: a) investigate the leisure experiences of black people who play tennis and b) verify and discuss socioeconomic, cultural and racial obstacles to the leisure experiences of black people in the context of tennis. Regarding the methodology, based on an interpretative qualitative approach, this study seeks to give visibility and voice to the narratives of black people who play tennis. The data were collected through semi-structured interviews conducted, initially, by a script with questions consistent with the proposed objectives. Using the "snowball" method, ten amateur and professional tennis players were interviewed in public and private tennis venues in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. The interviews were collected using a voice recorder and, as it was not possible to conduct the interviews in person, the research subjects contributed to the research by answering the questions in writing, which were entered into an online Google Forms. Initially, a pre-analysis of the information collected was carried out to explore its content, which was deepened as the interviews were transcribed. This information was categorized in the analysis phase and, supported by Bourdieu's key concepts, it was possible to define three analytical categories: 1) Tennis and the leisure experiences of black people, 2) The taste and lifestyle of black people who enjoy tennis, and 3) Economic capital and its relationship with the processes of distinction in elite sports. The main results show that, given the current process of social diversification of the tennis sports field, access by black people to the sport is still blocked or hindered by the dissimulators of the right of entry, namely: family tradition, early learning, conduct and customary sociability techniques, which manifest themselves as structuring structures for maintaining hierarchical positions of distinction. In addition to economic capital, different cultural and racial obstacles need to be overcome in order to expand access and try to make it possible for black people to remain in the social space of tennis. This is essential when considering the challenge of expanding the range of cultural leisure experiences for black people, both in Brazil and in other countries.

**Keywords:** Leisure, Black People, Tennis, Habitus, Taste and Lifestyle

Suzanne Lenglen, uma espécie de George Sand do tênis, assombrou o mundo esportivo com sua admirável técnica e carismática; essa diva do **Esporte Branco** constitui um marco histórico, dividindo duas épocas (Giffoni, 1989, p. 59, grifo nosso).

## **A Banca do Distinto**

Dolores Duran

Não fala com pobre  
Não dá mão a preto

Não carrega embrulho  
Pra que tanta pose, doutor? Pra que esse orgulho?

A bruxa, que é cega  
Esbarra na gente  
E a vida estanca  
O infarto lhe pega, doutor  
E acaba essa banca

A vaidade é assim, põe o bobo no alto  
E retira a escada  
Mas fica por perto  
Esperando sentada  
Mais cedo ou mais tarde  
Ele acaba no chão

Mais alto o coqueiro  
Maior é o tombo do coco, afinal  
Todo mundo é igual  
Quando o tombo termina  
Com terra por cima  
E na horizontal.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Tenista norte americana Althea Gibson.....          | 16 |
| Figura 2 - Tenista norte americano Arthur Robert Jr. Ashe..... | 18 |
| Figura 3 - Tenistas Vênus e Serena Williams.....               | 18 |
| Figura 4 - Tenista norte-americana Cori Gauff .....            | 20 |
| Figura 5 - Tenista brasileiro João Lucas Reis da Silva.....    | 44 |

### LISTA DE QUADROS

|                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Perfil socioeconômico e experiência no tênis dos entrevistados..... | 38 |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|         |                                                               |
|---------|---------------------------------------------------------------|
| ATP     | Associação de Profissionais de Tênis                          |
| CEU     | Centro Esportivo Universitário                                |
| HC-UFMG | Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais |
| TCLE    | Termo Consentido Livre e Esclarecido                          |
| UFMG    | Universidade Federal de Minas Gerais                          |
| USLTA   | United States Tennis Association                              |
| US OPEN | Aberto dos EUA                                                |
| WTA     | Women's Tennis Association/ Associação de Tênis Feminino      |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                       |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 APRESENTAÇÃO: O TÊNIS EM MINHA VIDA.....</b>                                                                     | <b>10</b> |
| <b>2 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                              | <b>12</b> |
| 2.1 O tênis no Brasil: pelas vias das estradas de ferro.....                                                          | 13        |
| 2.2 Pessoas negras no tênis: indo além da invisibilidade.....                                                         | 15        |
| <b>3 OBJETO DE PESQUISA.....</b>                                                                                      | <b>23</b> |
| 3.1 Objetivos do trabalho.....                                                                                        | 23        |
| <b>4 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....</b>                                                                              | <b>24</b> |
| <b>5 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                                                                                     | <b>27</b> |
| 5.1 A teoria do <i>habitus</i> , o gosto e o estilo de vida no campo esportivo na perspectiva de Pierre Bourdieu..... | 27        |
| 5.2 A Distinção no tênis segundo Bourdieu.....                                                                        | 30        |
| <b>6 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>                                                                                   | <b>33</b> |
| <b>7 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>                                                                                  | <b>40</b> |
| 7.1 O tênis e as vivências de lazer de pessoas negras.....                                                            | 40        |
| 7.2 O gosto e o estilo de vida de pessoas negras que apreciam o tênis.....                                            | 53        |
| 7.3 Capital econômico e sua relação com os processos de distinção nos esportes de elite.....                          | 65        |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR MAIS PESSOAS NEGRAS JOGANDO TÊNIS AO INVÉS DE CATAR BOLINHAS.....</b>                  | <b>75</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                               | <b>78</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                    | <b>84</b> |
| ANEXO A - Roteiro geral para entrevista.....                                                                          | 84        |
| ANEXO B - Questionário das entrevistas.....                                                                           | 87        |
| ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....                                                             | 90        |
| <b>APÊNDICE – Premiação concurso fotográfico “Lentes Acadêmicas” .....</b>                                            | <b>93</b> |

## **1 APRESENTAÇÃO: O TÊNIS EM MINHA VIDA**

Após catorze anos atuando como técnica de enfermagem no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG) – um contexto laboral de desesperança e morte –, fui agraciada com a transferência para o Centro Esportivo Universitário (CEU).

Quando comecei a trabalhar no CEU, em 2017, pude perceber, de fato, a importância do lazer para a vida das pessoas no que diz respeito à satisfação de suas necessidades básicas, conforme destaca C. Gomes (2008). A autora entende o lazer como uma dimensão da cultura e necessidade humana que pode ser satisfeita, ludicamente, por meio de várias práticas sociais.

No hospital, meu local de trabalho, não havia tempo nem disposição para aproveitar os intervalos para a prática esportiva como lazer. Lá, pude vivenciar o paradoxo entre a realidade do trabalho e as possíveis vivências lúdicas (C. Gomes, 2008). O meu novo ambiente de trabalho, por sua vez, era um convite para experimentar alguma forma de lazer. Estava diante de extensa área arborizada, com vários espaços para prática esportiva, como piscinas, quadras de vôlei, peteca, basquete e tênis.

Nos primeiros meses, iniciei uma caminhada matinal, antes da jornada de trabalho, por toda aquela vasta área verde. Em uma dessas atividades, ao rodear as quadras de tênis de campo com um olhar fixo e deslumbrado, pude ver aqueles(as) jogadores(as), em um movimento belo e performático de extensão corporal, fazerem com que aquela pequena bola amarela passasse de um lado da quadra para o outro. Não tive dúvidas, o tênis, desde aquele momento, passou a ser a minha escolha enquanto esporte a ser vivenciado para desfrutar o lazer. Logo, procurei me informar sobre os trâmites para inscrição no projeto de extensão do CEU daquela modalidade esportiva.

Contudo, é preciso fazer um recorte nessa minha breve descrição para ressaltar que a escolha do tênis de campo como uma atividade física e de lazer não foi por acaso. Pelas minhas poucas memórias da primeira infância, me recordo que sempre fui uma criança que, desde cedo, desenvolveu (de maneira consciente ou inconsciente) o gosto pelas coisas especiais e raras. Na verdade, acho que sempre fui uma menina de pele preta com gostos elitizados. Talvez, quem sabe, isso se deu

por influência dos pais que, apesar de terem sido, ao longo de suas vidas, pessoas simples e de pouca instrução, demonstravam por seus relacionamentos com o outro e por suas vestimentas, um “gosto refinado e distinto” das demais pessoas de pele preta.

Retomando a minha inserção no tênis de campo, após contato com o professor e a inscrição no projeto, comecei então a me deparar com as barreiras econômicas que essa modalidade esportiva apresenta, no que diz respeito aos trajes e aos equipamentos necessários para sua prática. No tocante ao valor da mensalidade, como se tratava de um projeto de extensão ofertado pela UFMG no CEU, o fator financeiro não foi um obstáculo para o meu ingresso no projeto.

Entretanto, mesmo diante dos obstáculos, como as dificuldades financeiras vivenciadas em família na minha infância, a ausência de lazer por ter que trabalhar para auxiliar com as despesas domésticas, e o ingresso tardio em um curso de nível superior, a vida me ensinou a ser obstinada com aquilo que desejamos. Assim, fui vencendo as barreiras que surgiram com uma raquete emprestada, um calçado adaptado, e assim por diante. Logo, lá estava a mulher de pele preta, agora não mais como uma espectadora à beira da quadra, mas sim como protagonista, fazendo com que, em um movimento estético, a bolinha amarela finalmente passasse com firmeza por cima da rede.

Não se passou muito tempo da experiência envolta de paixão para que, por uma visão descortinada, eu começasse a perceber algumas questões, como a invisibilidade de outras pessoas de pele preta nas quadras de tênis e as reiteradas exigências do professor para que eu tivesse uma “performance” de bailarina em quadra, evidenciando a imposição de um “capital corporal” específico para a prática do tênis.

A partir dessa experiência pessoal, que vivi literalmente na pele, decidi fazer da minha experiência subjetiva de esporte e lazer, uma ponte para uma pesquisa acadêmica, partindo do aspecto no campo esportivo para explorar a produção de conhecimento de novos saberes sobre as pessoas negras inseridas no contexto do tênis.

## 2. INTRODUÇÃO

O tênis é originado de diferentes jogos praticados com bola, rede e posteriormente com raquete, entre os séculos XIII ou XIV, principalmente no Egito e alguns países europeus. No início, tratava-se de um jogo praticado com as mãos nuas, mas, com o decorrer do tempo, os jogadores passaram a usar luvas. Ao longo da história, o tênis foi evoluindo e logo já se podia ver alguns jogadores utilizando um artefato de madeira com um formato de uma pá denominada “*battoir*”, que funcionava como raquete (Vieira, 1967, p.10-12).

Giffoni (1989) destaca em sua obra “Tênis Cartase Moderna” a origem do tênis antigo, que possivelmente surgiu por volta do ano de 1245. Já nessa época, o tênis era jogado com intensa dedicação e por intermináveis partidas entre estudantes, seminaristas e seus superiores eclesiásticos, monges, bispos e arcebispos, nos mosteiros e conventos da França.

Com o passar do tempo, o tênis caiu no gosto da nobreza francesa e, ainda no século XIII, já havia cerca de 1.800 quadras em solo francês. Desde a sua origem, o tênis é um esporte elitista, conhecido posteriormente no período da Revolução Francesa como o “Esporte dos Reis” (Vieira, 1967, p.10).

O major inglês Walter Wingfield é apontado como o criador do esporte do tênis denominando-o *Sphairistike*. Posteriormente, esse nome foi substituído por *Lawn Tennis*, por serem jogos realizados em superfície com grama (Brustolin, 1995, p.9).

O tênis, como prática de esporte e diversão, alastrou-se pelo mundo como rastilho de pólvora, sendo que, especialmente na Inglaterra, o esporte foi cercado por um maior refinamento, praticado em ambientes luxuosos, parques e jardins esplêndidos, e quadras construídas com total conforto, inclusive camarotes (Giffoni, 1989, p.40).

A história do tênis na modernidade europeia é marcada pela transição do amadorismo para o profissionalismo por meio da realização de várias competições nacionais e internacionais que envolviam premiações em dinheiro. Instalava-se, portanto, o processo de profissionalização do tênis (Vieira, 1967).

Para Gonçalves *et al.* (2018), o processo de profissionalização do tênis foi marcado por muita resistência, pois se acreditava que o esporte deveria permanecer

“amador, puro e bonito”, mantendo-se como um esporte “arte”. Nessa perspectiva, o profissionalismo poderia provocar o desvirtuamento desses princípios tidos como basilares do tênis.

Segundo Nunes (2012), na década de 1920, iniciaram-se nos Estados Unidos algumas exposições de tênis em que os tenistas começaram a ganhar dinheiro para jogar. Na década de 1970, o profissionalismo no tênis foi de fato aceito com premiações cada vez mais significativas.

Um marco histórico importante na transição da prática amadora do tênis para a profissional foi a criação, no ano de 1988, da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), pois através dela instaurou-se o próprio circuito de torneios intitulado *ATP Tour* (Nunes, 2012).

Segundo Vieira (1967), as transmissões dos torneios ao vivo para dezenas de países ajudaram a divulgar o tênis por todo o planeta, como também impulsionaram o surgimento de novos ídolos: “As audiências alcançadas comprovam, a cada torneio, que o tênis, visto no passado como um passatempo das elites, é hoje uma das modalidades desportivas mais populares do mundo” (Vieira, 1967, p. 23).

Cabe ressaltar que o tênis feminino também passou pelo processo de profissionalização, com a fundação, no ano de 1973, da *Women’s Tennis Association* (WTA), graças às ações das tenistas Billie Jean King, Chris Evert e Rosemary Casals. Essa associação feminina de tênis possui duas sedes, sendo a primeira no estado da Califórnia e a segunda na Flórida (Nunes, 2012).

Em suma, ainda sobre o tênis profissional, é necessário destacar os Jogos Olímpicos, nos quais os melhores tenistas da atualidade entram em quadra para serem assistidos por mais de duzentos países por todo o mundo. Neles são distribuídos pontos, e não prêmios, como acontece em outros torneios. Embora não haja premiações, os melhores tenistas do *ranking* mundial são incentivados a participar dos Jogos Olímpicos, em função das pontuações e da visibilidade possibilitada por este torneio. A presença dos grandes tenistas nos Jogos Olímpicos faz desse evento um verdadeiro espetáculo, além de promovê-lo (Vieira, 1967, p.45).

## 2.1 O tênis no Brasil: pelas vias da estrada de ferro

Acredita-se que foi aproximadamente em 1889 que o tênis surgiu no Brasil, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, chegando pelas mãos de engenheiros britânicos da *Light and Power* (energia elétrica) e da *São Paulo Railway* (estradas de ferro). Eles vieram para o país para iniciar o processo de urbanização dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, com a construção de estradas de ferro e outras obras (Brustolin, 1995).

Gradualmente, a prática do esporte do tênis se proliferou para várias regiões do Brasil com a criação de alguns clubes, como em São Paulo, com o *Athletic Club*; em Porto Alegre, com o *Tênis Club*; e em São Luís do Maranhão, com o *Fabril Athletic Club* (Brustolin, 1995).

Segundo Brustolin (1995, p. 12), por volta de 1892, o tênis no Brasil era uma das modalidades esportivas que não despertava nem um interesse competitivo, nem uma visão para o profissionalismo. Pelo contrário, o novo esporte era somente uma opção de lazer e de sociabilidade para os praticantes.

Melo (2021) destaca em sua obra que, durante a primeira década do século XX, apesar da proliferação do tênis, esse esporte ainda se manteve com um perfil mais elitista, tendo sua prática restrita aos clubes esportistas das elites. O autor ainda descreve em sua obra que o processo de estruturação e difusão do tênis foi pautado no desenvolvimento de um rígido código de conduta que vinculava o esporte à restrita aristocracia e à alta classe média. Esse fato foi ratificado como um indicador do status e da distinção dos praticantes do tênis.

A década de 1930 foi importante para a expansão do tênis no país, visto que os tenistas brasileiros participaram de várias competições nacionais e internacionais. Por exemplo, no ano de 1932, Nelson Cruz e Ricardo Pernambucano foram os primeiros brasileiros a participarem da *Copa Davis* (Vieira, 1967). A *Copa Davis* pode ser definida como o torneio entre nações da modalidade tênis, na qual, cada país é representado por uma equipe de jogadores nacionais.

No que tange à formação de tenistas no país, a Sociedade Harmonia de Tênis, na cidade de São Paulo, um dos primeiros clubes do Brasil, teve o pioneirismo. Ainda na década de 1930, ela atraía grandes plateias com a exibição de jogos de tênis, como proposta de lazer pelo prazer das vitórias e a possibilidade do

convívio social (Vespucci, 1990).

Quanto ao processo histórico de inserção das mulheres no contexto do tênis como uma opção de lazer, Melo (2021) assim se posiciona:

A prática do tênis, portanto, foi mais uma das estratégias que as mulheres mobilizaram para conquistar mais espaço social, ampliar seu protagonismo, fazer valer seus desejos de ressignificar as experiências públicas de gênero (Melo, 2021, p.11).

Outro registro histórico importante para o tênis brasileiro foi a vitória de Gustavo Kuerten, conhecido como Guga, no torneio de Roland Garros em 1997. Após esta primeira conquista, inédita no contexto moderno do tênis masculino brasileiro, o tenista, natural de Florianópolis, ainda conquistou dois títulos consecutivos em Paris, em 2000 e 2001. Guga foi um dos colaboradores para a popularização do tênis em território nacional e internacional (Vieira, 1967).

## 2.2 Pessoas negras no tênis: indo além da invisibilidade

Segundo Santos (2017), o tênis é um esporte que possui um acesso restrito às pessoas negras, o que potencializa o cenário de uma possível supremacia branca, tanto nas questões que dizem respeito à prática quanto ao gerenciamento.

Souza (2016) descreve o projeto “Tênis: um *lob* de direita”, aplicado nos meses de fevereiro a dezembro de 2015, fundamentado no currículo cultural da Educação Física, em uma Escola Estadual da zona sul de São Paulo, com quatro turmas do 5º ano, com objetivo de levantar e aprofundar o conhecimento sobre a prática corporal do esporte do tênis. Dentre os vários temas abordados, destaca-se as personagens do tênis. Nessa temática, as respostas dos alunos caracterizavam esse esporte como sendo de “homens e mulheres, brancos, altos, fortes, magros, ricos, inteligentes, educados, bonitos, profissionais, com nomes estranhos e cabelos lisos”. Os alunos ainda questionaram porque a maioria dos personagens do tênis são brancos. Souza (2016) evidenciou a percepção dos alunos quanto à ausência de atletas negros nessa modalidade esportiva, conforme trecho em destaque:

Os educandos ficaram incomodados com o comentário de que não existia no tênis atletas negros, chegaram a afirmar que alguma coisa estava errada com o tênis, pois se tem negro que joga futebol, tem que ter negro que joga tênis. Houve alguns que comentaram terem assistido a um jogo, onde um

jogador negro com cabelo de capoeira ou rastafári vence Rafael Nadal. Com os comentários, os educandos puderam perceber que existem no tênis alguns jogadores negros e combinamos em assistir ao jogo citado (Souza, 2016, p.32).

Ainda sobre a história da participação de pessoas negras no tênis, destaca-se a trajetória pioneira da tenista norte-americana Althea Gibson, que brilhou nos campos entre os anos de 1950-60. Conforme nos revela Livia Tavares Ramos, em seu Trabalho de Conclusão de Curso de 2018, de análise do documentário “Althea - Da Glória ao Esquecimento”, essa tenista foi uma atleta negra que ingressou no esporte em um período complexo de segregação racial da sociedade norte-americana e quebrou várias barreiras interseccionais de raça, gênero e classe social. Sua primeira participação em competição de tênis data do ano de 1946, quando participou do campeonato de *Forest Hill*, local considerado na época como sendo a meca do tênis norte-americano (Ramos, 2018).

Figura 1 – Tenista norte-americana Althea Gibson



Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Althea-Gibson>

A figura 1, acima, mostra a tenista profissional estadunidense Althea Gibson em uma das suas atuações em campo, sendo ela um referencial como a primeira tenista negra a quebrar as barreiras no esporte do tênis.

Em sua biografia, Althea Gibson relata que, além de aprender a jogar tênis, obtinha ensino de “boas-maneiras”. Essa talentosa atleta do tênis, conhecida não só no circuito do tênis norte-americano, mas também na Europa, enfrentou vários desafios por ser negra. Apesar de ganhar vários títulos como campeã, ficou limitada

à condição de amadora. Em alguns campeonatos, ela não podia trocar de roupa nos vestiários femininos reservados para as atletas brancas e, ao contrário dos outros participantes, Althea tinha que ter a aprovação do seu nome pelos organizadores para jogar em alguns campeonatos (Dyer, 2021).

Ramos (2018) destaca que o sucesso de Althea Gibson ultrapassou os limites das quadras de tênis, impactou o país com sua luta política e social e utilizou esportes, como tênis e golfe, para lutar pela igualdade dos direitos civis em meio ao contexto de *segregação e discriminação racial* instalado na sociedade norte-americana.

Mascarenhas (2015), em seu texto sobre os negros no tênis, discorre sobre a importância de alguns clubes criados nos Estados Unidos como uma forma de solução encontrada pelos americanos para quebrar das barreiras discriminatórias, que impediam o acesso de pessoas negras ao esporte tênis.

No que concerne ao pioneirismo de negros no contexto do tênis é importante ressaltar que, até o ano de 1950, nenhuma pessoa negra havia participado do *U.S. Lawn Tennis Association* (USLTA). Althea Gibson foi a primeira a jogar nesse evento. Além disso, foi a primeira pessoa negra a competir em Wimbledon e a ganhar em 1956 um dos torneios componentes do *Grand Slam*, um dos quatro mais importantes eventos anuais de tênis, são eles: Austrália Open, Roland Garros, US Open e Wimbledon (Observatório, 2017).

Outro grande expoente tenista negro foi o afro-americano Arthur Robert Ashe Jr. que, na década de 1960, conquistou três títulos do torneio aberto dos Estados Unidos, tendo sido mantido até os dias de hoje como o único tenista negro a vencer os torneios simples em Wimbledon e aberto nos Estados Unidos e na Austrália. Durante os anos de 1966 a 1980, Ashe Jr. conquistou 34 títulos individuais e, no ano de 1985, foi indicado para o Hall da Fama do Tênis (Vieira, 1967).

A figura 2 apresenta a imagem de Arthur Ashe, o primeiro jogador negro que venceu um torneio importante de tênis masculino, na quadra de Wimbledon. A divulgação de ícones negros do tênis contribui para dar visibilidade, reforçando a importância da representatividade negra nesse esporte que é marcado, historicamente, pela presença da supremacia branca.

Figura 2 – Tenista norte-americano Arthur Robert Jr. Ashe



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detalh/foto-jornal%C3%ADstica/american-tennis-champion-arthur-robert-ashe-jnr-the-foto-jornal%C3%ADstica/3066618?adppopup=true>

Por fim, no percurso histórico de representatividade no tênis negro feminino, as talentosas irmãs Williams se destacaram no contexto desse esporte caracterizado por um etilismo racial. Serena foi considerada uma das maiores campeãs do tênis feminino de todos os tempos. Ela possui o maior número de títulos do *Grand Slams*, conquistou 21 títulos individuais e mais de 10 em dupla com sua irmã Vênus, sendo também detentora de inúmeros recordes como campeã olímpica (Ribeiro, 2018).

Segundo Maciel (2022), em seu texto intitulado “Serena Williams: uma inspiração além do esporte”, mesmo o tênis sendo um esporte de elite, o pai das irmãs Williams empenhou todos os esforços necessários para que elas, na época, pudessem ter acesso a treinamentos de ponta, capazes de qualificar o desempenho profissional dessas tenistas.

Figura 3 - Tenistas Vênus e Serena Williams



Fonte: <https://bolamarela.com.br/serena-explica-por-que-razao-ela-e-a-irma-nunca-jogaram-juniores/>

Segundo A. Gomes (2023), a chegada das irmãs Williams nas quadras foi um fenômeno que tornou a questão de raça mais evidente no contexto do esporte do tênis, conforme trecho a seguir:

A percepção que o grande público tem do tênis, do seu surgimento até hoje, é a de ser um esporte um tanto aristocrático, reservado para um público abastado branco. Embora alguns poucos jogadores não-brancos [sic.] já tivessem tido destaque nas quadras, é com a chegada (e sucessivas vitórias) das irmãs Serena e Venus Williams que a questão de raça se tornou mais evidente nesse esporte (A. Gomes, 2023, p.62).

A. Gomes (2023) descreve que a presença e sucesso das irmãs Williams em um esporte considerado elitista foram marcados por um monitoramento racista, ou seja, um controle contínuo do homem branco sobre o negro. O autor afirma que esse controle transforma a invisibilidade em uma hipervisibilidade controlada, em que o desempenho, as ações e as atitudes das atletas negras passam a ser hiper vigiadas.

Após um ano da despedida de Serena Williams das quadras, surge mais uma talentosa tenista negra norte-americana de 19 anos: Cori Gauff, mais conhecida como Coco Gauff. Ela foi a mais jovem finalista, com apenas 13 anos, do evento individual feminino do *US Open*, de 2017. Aos quatro anos, ela se interessou pelo tênis depois de assistir a uma partida de Serena Williams. Em entrevista recente ao Portal Uol, Coco Gauff revelou o desejo de dar continuidade ao legado de representatividade do negro, no contexto do tênis, deixado por Serena Williams, conforme trecho a seguir:

“Serena e Venus, palavras não podem descrever o que significaram para mim. Espero ser a continuação de um legado. Espero que outra garota possa ver isso e acreditar que pode fazer isso e que seu nome também possa estar neste troféu”, acrescentou a jovem norte-americana, que subirá para a terceira colocação no ranking mundial com o título do US Open. (Tennis [...], 2023, s.p.).

Na figura 4, Cori Gauff chega à semifinal do US Open, igualando o feito de Serena Williams. Para Abrahão (2012), a mensagem simbólica de uma vitória negra no campo do esporte representa a vitória das adversidades históricas impostas ao povo negro no campo da vida.

Coco Gauff, em suas entrevistas, explicita que Serena e Venus Williams

“eram seus ídolos, a razão pela qual resolveu pegar em uma raquete” (Tênis [...], 2023, s.p.).

Figura 4 - Tenista norte americana Cori Gauff



Fonte: <https://www.esportelandia.com.br/tenis/coco-gauff-us-open-serena/>

Na obra “A Distinção - crítica social do julgamento” (2008, p. 25), o esporte do tênis é tratado pelo sociólogo Pierre Bourdieu a partir da teoria do *habitus*, quando ele discorre sobre a necessidade de ter uma compreensão da distribuição das diversas práticas esportivas entre as classes sociais. Para o autor, é o *habitus*, enquanto mobilizador de esquemas de percepção e apreciação, que impulsiona a escolha de determinada prática esportiva pelas diferentes classes. Tal escolha é motivada pelos benefícios (ou valor distribucional) a serem alcançados pelas práticas. O tênis, por ser considerado um esporte de elite, é apresentado pelo autor como um dos esportes que proporciona um alto nível de distinção. Segundo tal teoria, quando um sujeito diz que pratica tênis, inúmeros outros elementos subjetivos são perceptíveis, entre eles, questões econômicas e raciais/étnicas vinculadas à escolha ou acesso ao esporte.

Bourdieu (1983) sustenta a teoria da distinção na dimensão privilegiada do “*habitus*”, termo este vinculado ao aprendizado de esquemas e estruturas de percepção do social de maneira incorporada, os quais desencadeiam processos distintivos de formações na pirâmide das classes sociais nos aspectos referentes às maneiras de viver, agir, sentir, questões estas inerentes ao “*ethos*”. Para esse autor, “*ethos*” é o que distingue as classes populares das privilegiadas, e no ínterim dessas classes, ainda mais restrito, surgem frações separadas em decorrência da escolha de estilos de vida. Ainda nesse contexto, o autor analisa o tema da representação

desigual de classes sociais nos diversos esportes correlacionando-os à questão do “*habitus*”.

Embora muitos anos tenham se passado desde a criação do tênis, algumas marcas elitistas ainda persistem nesse esporte, como os uniformes utilizados pelos atletas. Recentemente, uma matéria jornalística abordou a simbologia das vestimentas usadas em Wimbledon, um dos torneios internacionais mais importantes do tênis:

A cor branca foi escolhida para uniformes de tênis por diversos motivos. O branco reflete melhor a luz, retendo menos calor, por isso tinha uma utilização prática, mas também era um símbolo de elitismo. Associados aos ricos, o branco do tênis escondia o suor, mas absorvia a sujeira, o que não era um problema para a classe alta, porque ou tinham empregos de “colarinho branco” e podiam se dar ao luxo de manter a roupa branca limpa, ao contrário daqueles com trabalhos manuais, ou eles não funcionaram. (Aloian, 2022, s.p., tradução nossa, grifos do autor)<sup>1</sup>.

Nos últimos anos, o tema sobre a presença dos negros no tênis, graças a tenistas como aqueles que foram destacados anteriormente, tem estado mais em evidência em algumas mídias. Apesar do sucesso inegável das irmãs Venus e Serena Williams nesse esporte, por diversas vezes elas foram alvos de discursos racializados em função dos seus corpos (Santos, 2017). Um exemplo marcante é a final do US Open de 2018, em que Serena Williams foi derrotada pela tenista japonesa Naomi Osaka. Após a partida, Serena foi alvo de uma caricatura em um jornal de grande circulação australiano, que a ridicularizou por meio de representações racistas e gordofóbicas. Segundo Serena, nada disso teria acontecido se ela fosse homem e, principalmente, branca.

Contudo, a temática do negro no tênis ainda é incipiente no contexto acadêmico, sobretudo no Brasil. Não encontramos, até o momento, estudos nacionais que discutam os desdobramentos da presença de pessoas negras nesse esporte, a partir de uma visão afrodescendente do campo esportivo. A presente pesquisa, portanto, possibilita a discussão de relevantes questões contemporâneas, em uma modalidade esportiva de origem elitista e carregada de capital simbólico

---

<sup>1</sup> The color white was chosen for tennis uniforms for a variety of reasons. White reflects light better, retaining less heat, so it had a practical use, but it was also a symbol of elitism. Associated with the wealthy, tennis whites concealed sweat but absorbed dirt, which wasn't an issue for the upper class, because they either had “white collar” jobs and could afford to keep their whites clean, as opposed to those with manual labor jobs, or they didn't work at all.

sociocultural e econômico distintivo, e que vem enfrentando um momento de diversificação social no espaço social do esporte (Marques, 2014).

Feitas estas considerações iniciais, o próximo tópico será dedicado ao problema que guia esta pesquisa.

### 3 OBJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa de mestrado se debruça sobre o lazer de pessoas negras praticantes do tênis de campo: uma modalidade esportiva carregada de valores distintivos e elitizados, por possuir um capital simbólico de cunho econômico e cultural que denota prestígio.

#### 3.1 Objetivos do trabalho

Diante do incômodo da invisibilidade de pessoas negras no campo esportivo do tênis, o fio norteador da pesquisa é a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, com base nos seguintes objetivos:

- a) Investigar as vivências de lazer de pessoas negras praticantes do tênis de campo, considerando os aspectos distintivos que configuram este esporte.
- b) Verificar e discutir obstáculos socioeconômicos, culturais e raciais para as vivências de lazer das pessoas negras no contexto do tênis.

#### 4 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Discutir a presença de pessoas negras no contexto do tênis de campo, seja como praticante amador ou profissional, é fruto de alguns incômodos experimentados pela autora deste trabalho: uma pessoa de pele negra que escolheu praticar o tênis há aproximadamente cinco anos como opção de lazer e convívio social.

Trata-se de um estudo inovador, tendo em vista a escassez de produções acadêmicas sobre o tema. Além disso, a escolha do problema de pesquisa foi pautada em alguns conhecimentos e valores prévios da pesquisadora. Sobre o assunto, Laville (1999) assim se posiciona:

A conscientização de um problema de pesquisa, depende, portanto, do que dispomos no fundo de nós mesmos: conhecimentos de diversas ordens – brutos e construídos – e entre esses conceitos e teorias; conhecimentos que ganham sentido em função de valores ativados por outros valores; curiosidade, ceticismo, confiança no procedimento científico e consciência de seus limites (Laville, 1999, p.97).

Dentre os motivos relevantes para a produção científica sobre negros no tênis, é possível elencar a importância da construção histórica sobre o início da participação de negros no tênis. Isso envolve a descrição de algumas barreiras enfrentadas pelos negros, além das contribuições deixadas por eles para os seus legatários, bem como os impactos da participação desses jogadores em torneios e campeonatos importantes do tênis mundial.

A proposta deste estudo é relevante porque pretende, a partir de pesquisa teórica e empírica, elucidar questões que envolvem a manifestação e a motivação de pessoas negras no tênis de campo, um esporte considerado de elite (Bourdieu, 1983).

Nesse sentido, espera-se com esta pesquisa, a partir da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, analisar o lazer de pessoas negras no tênis, a partir de uma escolha pautada no gosto e no estilo de vida.

Além disso, a presente pesquisa poderá propor novos parâmetros de diversificação social no campo esportivo, como bem salienta Ferreira Júnior (2023) em sua obra “Racismo e Esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo”. O autor aponta a necessidade de desfetichização e democratização radical das

práticas esportivas, sobretudo tendo como meta a construção de experiências verdadeiras e populares, as quais se apresentem como uma forma de rebeldia ao assédio proposto pelo capital (Rúbio, 2023, p.19).

Ainda nesse contexto de importância e relevância, a pesquisa pretende investigar possibilidades de mobilidade social e econômica das pessoas negras inseridas no tênis, como também levantar se há relatos, por parte dos entrevistados, de casos de racismo nesse contexto. Como bem salienta Ferreira Júnior (2023, p.15) sobre o assunto: “‘Raça e racismo continuam’. Orientando a sociabilidade esportiva moderna, uma vez que encontram neste regime de práticas e discursos condições ideais de reprodução”.

É tentar levantar se na estrutura organizacional de alto e baixo escalão do tênis, ou mesmo na base onde estão os praticantes dessa modalidade esportiva, existe a materialização do racismo estrutural, a partir da manifestação de ações de cunho racista, pois essas instituições são fruto de relações sociais decorrentes de uma sociedade que é racista. O racismo estrutural vai além dos níveis de compreensão e expressão do racismo, quais sejam, o individual, comportamental e o institucional. É a dimensão da estrutura que viabiliza a manifestação do racismo nos níveis, individual/comportamental e institucional, ou melhor, as instituições são a materialização de uma estrutura social, ou seja, as instituições são racistas em decorrência de uma sociedade que é racista (Almeida, 2019).

A concepção de racismo estrutural se encaixa na perspectiva da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo. Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo – o racismo estrutural distinto do institucional e do individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural (Oliveira, 2021, p.66).

Propor uma investigação sobre a presença de pessoas negras no tênis de campo é pensar nos desafios contemporâneos relacionados à raça e ao esporte do tênis, o que envolve racismo, ausência de representação e estereótipos. Além disso, pretende-se elucidar o porquê de certas modalidades esportivas e de lazer, particularmente o tênis, se mostrarem mais resistentes do que outras aos processos históricos de diversificação social de inclusão, os quais, na maioria das vezes,

alteram a estrutura dos espaços sociais do esporte, proporcionando a democratização de acesso.

Outra questão significativa é que este estudo pode auxiliar gestores no estabelecimento de políticas públicas de inclusão de lazer no esporte do tênis, como programas de treinamento com concessão de bolsas de estudo, o fomento do tênis universitário, e de organizações e movimentos que trabalhem na promoção da inserção e permanência de pessoas negras no tênis, seja como amador ou profissional.

Por fim, esta pesquisa pode contribuir com novos conhecimentos para o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, uma vez que o espaço social dos esportes é também lugar comum de vivências de lazer e território de contestação das relações raciais por processos de ocupação e resistência. Vale ressaltar que a presença de pessoas negras na prática do tênis, ainda que manifesta de maneira incipiente, pode evidenciar fragilidades da identidade territorial hegemônica de pessoas de pele branca.

Pretende-se também incentivar outros estudos sobre a temática da presença de pessoas negras nos esportes tidos como sendo de elite, como, por exemplo, o tênis, o golfe, o hipismo, além de outros possíveis desdobramentos de pesquisas, como a comparação dessas modalidades esportivas elitistas com as “populares”, no que diz respeito à aceitação de negros, à representatividade e à profissionalização. Quando analisamos as práticas de lazer, são raros os trabalhos acadêmicos que se dedicam a investigar as atividades lúdicas elitizadas e a forma como essas práticas contribuem para o que podemos definir como a 'distinção' das classes altas em relação às classes menos favorecidas.

Como bem coloca Ferreira Júnior (2023), trata-se da possibilidade de um estudo de análise das relações raciais no contexto do esporte do tênis, o qual ainda é marcado por um modelo esportivo burguês de exclusão e discriminação.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 A teoria do “*habitus*”, o gosto e o estilo de vida no campo esportivo na perspectiva de Pierre Bourdieu

A teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu pode ser definida a partir de duas capacidades, ou seja, a capacidade de produzir práticas e obras classificáveis e a de diferenciar e de apreciar essas práticas e ou produtos. Segundo o autor, é no campo da capacidade da diferenciação e da apreciação dessas práticas e/ou produtos que se localiza o gosto; e é o gosto que institui o espaço dos estilos de vida (Bourdieu, 2008).

Segundo Farias (2015), sob a ótica de Pierre Bourdieu, o gosto é o resultado de processos de socialização, através dos quais os indivíduos, a partir do *habitus* representado pelas estruturas relacionais do conjunto de afinidades de um determinado grupo, realiza algumas escolhas.

O hábito não determina o gosto do sujeito, mas inclina (e influencia) suas escolhas; enquanto disposição, ele é orquestrador dos comportamentos dos indivíduos, por isso se aproxima do *habitus* (enquanto modo de ser e agir) (Farias, 2015, p.96).

De fato, a lógica do *habitus*, conforme sistematizado por Bourdieu, trata de uma estrutura estruturada e estruturante, que desenvolve sistemas de esquemas geradores de práticas ou obras classificáveis, as quais modulam os diversos estilos de vida. Ou seja, para Bourdieu, o *habitus* é uma subjetividade socializada, um sistema de trocas simbólicas vivenciadas a partir de experiências práticas da vida cotidiana (Setton, 2002). Assim,

*Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (Setton, 2002, p.63).

Para Bourdieu (1983), os estilos de vida são manifestos a partir das diferentes posições ocupadas pelos indivíduos nos espaços sociais. Trata-se de um conjunto unitário de preferências distintivas, sendo o *habitus* a correspondência que se

estabelece entre os espaços sociais e os espaços dos estilos de vida.

Ainda, segundo Bourdieu (1983), o gosto encontra-se intrinsecamente ligado aos estilos de vida e pode ser definido como as escolhas cotidianas que os indivíduos fazem, as quais levam a processos de diferenciação social pela demarcação de traços distintivos. É a partir das diferenças e distinções estabelecidas pelo gosto que se manifesta a fórmula generativa que institui o princípio do estilo de vida (Bourdieu, 1983).

O gosto, propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal – a mesma intenção expressiva (Bourdieu, 2008, p.165).

No que tange especificamente à estrutura estruturada no campo esportivo, segundo Bourdieu (1983), o conjunto de práticas e de consumo esportivos que é oferecido aos agentes sociais, é uma oferta destinada a encontrar uma determinada classe social. Nesse processo, elabora-se o *habitus* e, por conseguinte, os estilos de vida. Ou seja, um sistema de práticas classificadas que determinam a classe ou os aspectos distintivos manifestos pelo gosto entre um conjunto de agentes na sociedade (Bourdieu, 2008).

O espaço social dos esportes, segundo a teoria de campo desenvolvida por Bourdieu (1992), é um “campo esportivo”, ou seja, faz parte do microcosmos social, caracterizando-se como um sistema ou um espaço estruturado, a partir das posições ocupadas pelos indivíduos e dotado de leis próprias. Nesse *locus* esportivo se manifestam embates e lutas para aquisição do poder simbólico.

Ainda, para Bourdieu (1983), o campo esportivo é uma estrutura social que, como os demais “campos”, apresenta desigualdades de posse e acesso a bens, caracterizadas pelo acúmulo dos capitais, principalmente o econômico e o cultural. Para além das regras específicas do esporte em si, existem regras de um jogo invisível, as quais promovem as lutas simbólicas estruturadas pelas distintas posições ocupadas pelos indivíduos.

No contexto referente à estrutura social do campo esportivo, em sua obra “A Distinção – crítica social do julgamento”, Bourdieu (2008) discorre sobre o cenário de distribuição dos diferentes esportes entre classes, como também estabelece a

relação entre o sentido de determinada modalidade esportiva com o gosto, a classe e os estilos de vida. Para o autor, é preciso levar em conta a representação dos esquemas de percepção e apreciação inerentes a cada modalidade esportiva que está diretamente associada aos benefícios que cada esporte pode proporcionar para os indivíduos pertencentes às diferentes classes.

Dentre esses benefícios, o autor cita os benefícios físicos vinculados a beleza, saúde, força, disposição e outros; os econômicos e sociais mais voltados para a promoção social; e os simbólicos, referentes ao valor vinculado aos aspectos inerentes à distribuição e à posição dos esportes, os quais os associam pela menor à maior raridade a uma determinada classe (Bourdieu, 2008).

Paralelamente, Bourdieu (2008) também discorre sobre os benefícios de distinção pelos resultados proporcionados por esportes mais elitizados, como o tênis, o golfe e o polo, os quais proporcionam ao corpo a magreza, o bronzeado de pele e uma musculatura mais ou menos aparente. Segundo o autor, esses benefícios podem viabilizar o acesso a grupos seletos da alta sociedade. Como exemplo de distinção nos esportes no contexto francês, Bourdieu cita o boxe, o futebol e o rugby como sendo aqueles que conotam as classes populares, ao passo que o tênis e esqui à burguesia, e o golfe à grande burguesia (Bourdieu, 2008).

Segundo Bourdieu (1983), a percepção dos lucros sociais proporcionados pela prática de determinada modalidade esportiva é diferenciada de uma classe social para outra. Trata-se dos efeitos esperados no corpo pela prática de um determinado esporte, sendo para uns a busca de uma musculatura aparente, para outros, saúde e bem-estar, e ainda, para algumas pessoas, a escolha é feita com foco na beleza, destreza e elegância. Dessa maneira, para Bourdieu (1983), é possível que diferentes classes sociais atribuam distintas variações de significado e função social para os diversos esportes, algo relacionado ao *habitus* que está intrinsecamente ligado aos estilos de vida.

Colocando de outra maneira, as variações das práticas segundo as classes devem-se não apenas às variações dos fatores que tornam possível ou impossível assumir seus custos econômicos e culturais, mas também às variações da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que se considera que estas práticas proporcionam. Assim, as diferentes classes têm expectativas muito desiguais em relação aos lucros "intrínsecos" (reais ou imaginários, pouco importa, pois são reais enquanto realmente desejados) que são esperados para o próprio corpo (Bourdieu, 1983, p.14-15).

Nessa perspectiva, indivíduos e ou grupos se encontram rodeados de bens ou práticas que manifestam a distinção, por exemplo, as práticas esportivas. A distinção, segundo o autor, está na síntese do *habitus*, que unifica e gera todas as práticas que dão origem aos estilos de vida pelas preferências simbólicas e distintivas (Bourdieu, 2008).

Em suma, segundo Bourdieu (2004), o *habitus* norteia as ações dos sujeitos em pelo menos três dimensões. A primeira dimensão baseia-se nas posições ocupadas pelos indivíduos no interior dos “campos”, a segunda envolve o grupo no qual os sujeitos se encontram inseridos e a última aborda o acúmulo de patrimônio histórico e cultural do agente.

## 5.2 A distinção no tênis segundo Bourdieu

No texto “Como é possível ser esportivo”, Bourdieu (1983) discorre sobre a distinção no campo simbólico esportivo ao falar dos esportes distintivos como sendo os da elite, e dos esportes populares como sendo os das classes trabalhadoras, com menor poder aquisitivo. Neste ínterim, o tênis é citado pelo autor como sendo uma modalidade esportiva carregada de valores diferenciados, os quais remetem à aristocracia do esporte. Segundo o autor, o espaço social do esporte é um campo de lutas pela imposição da definição e função das práticas esportivas que são legítimas, em oposição às demais consideradas como ilegítimas (Bourdieu, 1983).

Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes “chiques”, e as práticas que se tornaram “vulgares”, devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à “elite”, como o futebol (e em menor grau, o rugby que ainda guardará por algum tempo, um duplo estatuto e um duplo recrutamento social) é acrescida da oposição, mais marcada ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos. (Bourdieu, 1983, p. 9).

Conforme Bourdieu (1983), o esporte em si era marcado pela ideologia aristocrática que o considerava uma atividade desinteressada e gratuita, sendo que algumas modalidades esportivas como o tênis, o golfe e o iatismo eram exemplos de esportes praticados pela elite em clubes mais seletivos e com encontros eletivos, visando à aquisição de lucros distintivos.

Ainda para Bourdieu (1993; 2002), a distinção nos esportes é evidenciada pela relação que cada classe social tem com o seu corpo. A classe trabalhadora, durante o esporte, usa o corpo como um instrumento para alcançar um determinado fim, como no caso do futebol e do boxe. Já as classes média e alta, durante o esporte, usam o corpo como um fim em si mesmo, por isso, buscam esportes de menor contato físico, como o golfe, o tênis, o hipismo e outros, como se vê no texto “Os herdeiros: questão sobre o campo esportivo”:

Os interesses de classe, segundo Bourdieu (1983), são marcadores de distinção, e a apropriação do esporte pelas classes dominantes e pelas classes populares demonstra sua efetividade (Mezzaroba, 2014, p.332).

Nesse contexto relativo à distinção no campo esportivo, para Bourdieu (2008), existem três maneiras para a classe dominante se distinguir ao consumir itens referentes à alimentação, à cultura e à apresentação de si. O esporte insere-se na dimensão da cultura para o autor ao consumir itens que abrangem desde tradições, regras, valores até equipamentos, técnicas e símbolos, todos carregados de uma significação social dos sistemas por elas constituídos.

As propriedades distribucionais que advêm às diferentes práticas ao serem apreendidas por agentes detentores de um conhecimento prático de sua distribuição entre agentes que, por sua vez, estão distribuídos por classes hierarquizadas ou, se preferirmos, da probabilidade para as diferentes classes de praticá-las, devem muito, com efeito, ao passado de tais distribuições em razão dos efeitos de histerese: a imagem “aristocrática” de esportes, tais como o tênis ou a equitação, sem falar do golfe, pode sobreviver à transformação – relativa – das condições materiais do acesso (Bourdieu, 2008, p.194).

Ainda na visão de Bourdieu (1983), o tênis é uma prática esportiva vinculada à classe social dominante, praticada em espaços sociais onde a elite buscava os lucros de distinção em suas trocas sociais, as quais aconteciam através de ações cavalheirescas e eventos esportivos considerados uma alternativa de lazer e convívio social (Mezzaroba, 2014).

Era preciso evocar esta primeira fase, que me parece determinante, porque o esporte ainda traz consigo a marca de suas origens: além da ideologia aristocrática do esporte como atividade desinteressada e gratuita, perpetuada pelos tópicos rituais do discurso de celebração, e que contribui para mascarar a verdade de uma parte crescente das práticas esportivas, a prática de esportes como o tênis, a equitação, o iatismo, o golfe, deve sem dúvida uma parte de seu “interesse”, tanto nos dias de hoje quanto em sua

origem, aos lucros de distinção que ela proporciona (não é por acaso que a maior parte dos clubes mais seletos, isto é, mais seletivos, são organizados em torno de atividades esportivas que servem de ocasião ou de pretexto para encontros eletivos) (Bourdieu, 1983, p.8-9).

Especificamente sobre o tênis, como uma prática corporal esportiva e de lazer, e sobre seus valores de sistemas de diferenças ou de propriedades distintivas, para Bourdieu (2008), o senso das práticas ilumina a distribuição das práticas entre as classes por meio do capital simbólico:

Deste modo, no caso do tênis, os membros dos clubes privados, praticantes de longa data que estão mais do que nunca vinculados ao rigor do traje (camisa lacoste, short – ou saia – de cor branca, calçado especial) e a tudo o que condiz com ele, opõem-se em todos os aspectos aos novos praticantes dos clubes municipais ou dos clubes de férias que fazem ver que o ritual do vestuário não é um atributo superficial da prática legítima, o tênis que se pratica com bermuda e T-shirt, com agasalho ou, até mesmo, com sunga e Adidas é realmente um outro tênis, tanto na maneira de praticá-lo quanto nas satisfações que ele proporciona (Bourdieu, 2008, p.200).

Considerando o ritual do vestuário, Bourdieu (2008) faz uma distinção entre as frações de classes ao discutir as marcas Lacoste e Adidas. Enquanto a primeira é uma marca fundada em 1933 pelo ex-tenista René Lacoste que denota status e poder, a segunda - Adidas - é uma das principais patrocinadoras dos atletas profissionais que praticam esportes considerados populares. Para o autor, o campo esportivo é lugar de lutas entre o amadorismo e o profissionalismo, entre o esporte praticado e o assistido, entre o esporte elitizado *versus* o popular (Bourdieu, 1983).

Bourdieu (2008) comenta, ainda, que quem está numa posição sem prestígio precisa enfrentar diversos obstáculos. Além dos obstáculos econômicos, existem outros fatores como a falta de tradição familiar, de aprendizagem precoce e de atitude, que segundo ele tem um duplo sentido de conduta digna e de maneiras corretas de se comportar. O autor também menciona a falta de técnicas de sociabilidade que tornam alguns esportes, como o tênis, mais chiques e distintos na sociedade e, de certa forma, interditados às classes populares e indivíduos da classe média em processos de ascensão social.

Considerando a teoria do *habitus*, bem como os esquemas da constituição do gosto e do estilo de vida, e tomando por base as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos no espaço social do campo dos esportes, a partir de agora passaremos à descrição do percurso metodológico percorrido para a elaboração desta pesquisa.

## 6 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo contempla o percurso metodológico da pesquisa. A abordagem seguida foi a qualitativa, contando com a hermenêutica no processo de análise interpretativa das narrativas dos sujeitos desta pesquisa, que são pessoas negras, amadoras e profissionais, inseridas na prática do esporte do tênis, em espaços públicos e privados. A escolha da abordagem qualitativa da pesquisa sobre a presença de pessoas negras no tênis pode ser justificada pelo fato da necessidade de se ouvir vozes silenciadas na sociedade (Viana, 2021).

Sobre a complexidade do assunto pesquisado, assim se posiciona Creswell (2014):

As interações entre as pessoas, por exemplo, são difíceis de captar com as medidas existentes e essas medidas podem não ser sensíveis a questões como diferenças de gênero, raça, status econômico e diferenças individuais. Nivelar todos os indivíduos em uma medida estatística desconsidera a singularidade dos indivíduos dos nossos estudos (Creswell, 2014, p. 53).

O tênis é um esporte tido como elitizado e sua prática é segregada, em sua maioria, a um grupo social específico, composto por pessoas brancas de poder aquisitivo elevado. Daí a necessidade de uma abordagem metodológica qualitativa que objetiva, a partir da escuta, empoderar pessoas negras presentes no contexto do tênis para que elas possam compartilhar suas histórias de vida enquanto praticantes dessa modalidade esportiva.

O tipo de pesquisa selecionado para a abordagem da temática em estudo foi interpretativo, pois, pretendeu-se compreender os significados das experiências subjetivas das pessoas negras inseridas no contexto do tênis. Dessa forma, esclarece Stake (2011) sobre a pesquisa qualitativa interpretativa:

A pesquisa qualitativa é, algumas vezes, definida como pesquisa interpretativa. Todas as pesquisas exigem interpretação e, na realidade, o comportamento humano exige interpretações a cada minuto. Mas a pesquisa interpretativa é a investigação que depende muito da definição e da redefinição dos observadores sobre os significados daquilo que veem e que ouvem (Stake, 2011, p.46).

A princípio, a pesquisa partiu de uma perspectiva teórica de construção do histórico do esporte do tênis e, *a posteriori*, buscou-se submeter o respectivo

conhecimento teórico à análise social de experiências subjetivas de indivíduos inseridos no contexto da modalidade esportiva em estudo. Flick (2009, p.15) aponta que “uma entrevista narrativa vem com os pressupostos do que acontece quando as pessoas falam de uma experiência crucial na forma de uma história de vida e assim por diante”.

A escolha da pesquisa interpretativa crítica (Denzí, 2017), para analisar os elementos significativos presentes nas vozes dos participantes da pesquisa, se entrelaça com valores de um ativismo social da pesquisadora sobre a negritude. Esses valores visam a um aprofundamento nas questões interseccionais de raça, gênero, classe social e outros que orbitam em torno da presença de pessoas negras no tênis.

A principal estratégia de coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas em profundidade com pessoas negras praticantes do esporte do tênis. Este tipo de entrevista consiste parte de um roteiro de perguntas, em sua maioria abertas, com o objetivo de viabilizar maior interação entre pesquisador/a e entrevistado/a, de maneira que este tenha total liberdade de falar acerca do tema a ser pesquisado.

Sobre essa técnica, assim se posiciona Minayo (2001):

Nesse procedimento metodológico, destacamos a noção de entrevista em profundidade que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas das vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual (Minayo, 2001, p. 59).

As perguntas da entrevista foram divididas em três blocos: perfil socioeconômico, experiência pessoal do entrevistado com o tênis, e espaço socioeconômico e geográfico do tênis. As entrevistas foram guiadas por um roteiro (Apêndice I) e a seleção dos temas que foram trabalhados se deu com base em dados teóricos selecionados na fase de revisão bibliográfica sobre a temática da presença de pessoas de pele preta no contexto do tênis. Devido à dificuldade de

agenda de três entrevistados, as perguntas do roteiro foram enviadas por meio de um formulário online do *Google Forms*.

No processo de seleção dos entrevistados para a pesquisa alguns critérios foram levados em conta, a fim de se buscar uma diversidade entre os respondentes no que diz respeito às características de classe social, gênero, faixa etária e outros. Dentre esses critérios, estão o de pessoas negras praticantes de tênis em clubes recreativos com categoria de sócios, escolas particulares e quadras públicas de tênis.

Vinuto (2014) discorre sobre a grande vantagem da amostragem “bola de neve”, visto que o processo de recrutamento dos entrevistados ocorre a partir de uma relação pessoal do pesquisador com pessoas que se dispõem a indicarem novos contatos. O método bola de neve permite que a partir de fontes como um informante-chave, nomeado como semente, seja possível dar o impulso a um processo de sucessivas indicações de pessoas enquadradas dentro do perfil do público-alvo da pesquisa.

Como será tratado adiante, foram entrevistadas 10 pessoas no total. As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2023 a março de 2024, em espaços públicos e privados de prática do tênis na cidade de Belo Horizonte, escolhidos livremente por cada entrevistado/a. Os dados foram coletados, na entrevista, com auxílio de um gravador de voz, o que permitiu uma maior integração entre pesquisadora e entrevistados.

Cabe esclarecer que a etapa de entrevistas se iniciou somente após a aprovação pelo comitê de ética em pesquisa da UFMG. Assim, foram tomados todos os cuidados éticos na coleta e análise das informações obtidas por meio de entrevistas. Os entrevistados foram, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informados sobre o objetivo geral da pesquisa, os riscos e benefícios advindos da aplicação da mesma, os direitos do entrevistado durante todas as etapas das entrevistas, bem como o tratamento ético de confidencialidade com os dados coletados.

A análise das informações colhidas nas entrevistas ocorreu em três etapas distintas e sucessivas: uma pré-análise de todo material compilado, a exploração do conteúdo e, por fim, o tratamento com a devida interpretação do pesquisador por meio da técnica de análise de conteúdo temático por frequência (Albuquerque,

2018).

As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir de uma perspectiva metodológica exploratória. Foram feitos alguns recortes nos textos transcritos, objetivando a realização de uma codificação e, posteriormente, o estabelecimento de categorias para análise (Albuquerque, 2018).

Em seguida, foi realizada a análise do material coletado nas entrevistas em profundidade com pessoas negras praticantes do tênis, o que envolve a exploração, o tratamento e a interpretação dos dados. Após a transcrição das entrevistas, algumas respostas para as perguntas realizadas foram compiladas e categorizadas em quadros de categorias temáticas, para submissão de análise, sendo esta desenvolvida com o auxílio dos conceitos basilares da teoria de Pierre Bourdieu (Albuquerque, 2018).

De todo o material revisitado e manipulado, foi possível realizar alguns recortes e estabelecer três categorias analíticas: 1. O tênis e as vivências de lazer de pessoas negras; 2. O gosto e o estilo de vida de pessoas negras que apreciam o tênis; e 3. Capital econômico e sua relação com os processos de distinção nos esportes de elite, particularmente no tênis.

Quanto aos dez sujeitos entrevistados, algumas características socioeconômicas e demográficas foram levantadas. A maioria é do sexo masculino, sendo a proporção de oito homens e apenas duas mulheres, evidenciando uma discrepância de gênero que pode ser considerada desigualdade de acesso à vivência esportiva de lazer por parte de homens e mulheres, conforme contatado na pesquisa sobre o lazer do brasileiro (Isayama *et al.*, 2020).

A invisibilidade negra nos esportes é demarcada pelos fatores interseccionais, como raça, sexo e classe, conforme salienta Ferreira Junior (2021). Em sua obra “Olimpismo negro: uma antologia das resistências ao racismo no esporte”, o autor discorre sobre o desejo de homens e mulheres negras terem inserção nos esportes. Considerando as primeiras décadas do século XX, o autor explica que a “microfísica do poder” racial se colocou para interditar e invisibilizar a presença negra no contexto esportivo.

Esse contexto não impedirá que o esporte, já nas primeiras décadas do século XX se torne objeto de desejo de homens e mulheres negros e negras, os quais passariam a ver a busca na condição de atleta uma forma especial de ser e se afirmar no mundo. Contra esse desejo e busca, uma

“microfísica do poder” não raro se utilizará de pressupostos raciais, invariavelmente associados à discriminação de sexo e classe, visando interditar, quando não marginalizar, invisibilizar, deslegitimar e retirar das trajetórias negras o seu pioneirismo e protagonismo (Ferreira Júnior, 2021, p.41).

Em relação à faixa etária dos participantes da pesquisa, sete possuíam de 30 a 40 anos; dois tinham 25 anos e apenas um era acima de 60 anos. Quanto ao estado civil, seis participantes eram solteiros e quatro casados.

No quesito da escolaridade, os resultados apontaram para um cenário de alta escolaridade: seis homens e duas mulheres declararam ter concluído o nível superior, sendo um participante do sexo masculino e outra do sexo feminino com pós-graduação *lato sensu*, além disso, dois do sexo masculino possuem pós-graduação *stricto sensu*. Em relação aos outros dois entrevistados, um possui ensino médio completo e, o outro, ensino médio incompleto.

No que concerne à autodeclaração racial, seis participantes se autodeclararam como pretas, um se declarou como pardo, outro como preto-negro, outro como negro, e um participante se identificou como preto, porém fez a ressalva que “o pessoal fala que sou moreno, mas sou preto de sol”. Sobre a importância da autodeclaração, assim se posiciona Junior (2019):

Autodeclaração, portanto, muito antes de ser um critério de classificação e hierarquização étnico-racial deve ser visto como um instrumento de emancipação e autodeterminação do sujeito, erigido não mais a partir das antigas significações da categoria “identidade”, mas sim a partir dos conceitos de complexidade, diversidade e diferença, as características da humanidade historicamente suplantadas e subjugadas pelo imperialismo e colonialismo enquanto modelos de sociabilidade dominantes no mundo ocidental. (Junior, 2019, p. 4).

Quanto à profissão, destaca-se que cinco entrevistados são professores/instrutores de tênis. As outras cinco áreas profissionais encontradas são: marketing digital e gestão estratégica, arquitetura, serviço público federal e docência.

Referente à renda, seis entrevistados possuem renda mensal individual entre três e cinco salários mínimos, um entrevistado apresenta renda entre dois a três salários mínimos, e dois apresentaram uma renda mensal individual com valores mais elevados, um homem com renda de seis a oito salários mínimos e uma mulher com renda superior a doze salários mínimos.

Por fim, sobre a jornada de trabalho semanal dos participantes, cinco dos entrevistados tem uma carga horária de trabalho compreendida entre 30 e 40 horas semanais, um trabalha até 20 horas semanais, outro participante trabalha até 10 horas semanais, e dois responderam que trabalham mais de 40 horas semanais.

Para preservar o anonimato dos voluntários da pesquisa, cada entrevistado foi identificado de maneira fictícia com a letra T de tenista, seguida com sobrenomes de jogadores de tênis negros com reconhecimento internacional. Com o objetivo de proporcionar melhor visualização dos dados coletados acerca do perfil socioeconômico e de algumas informações sobre a experiência pessoal dos entrevistados com o tênis, segue abaixo um quadro demonstrativo.

Quadro 1 - Perfil socioeconômico e experiência pessoal com o esporte (continua)

| PERFIL SOCIOECONÔMICO E EXPERIÊNCIA PESSOAL COM O ESPORTE |      |                                        |              |                                                                                 |                                                      |                                      |                           |                                                                                    |              |                             |
|-----------------------------------------------------------|------|----------------------------------------|--------------|---------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-----------------------------|
| Nome fictício                                             | Sexo | Escolaridade                           | Estado civil | Auto declaração de raça                                                         | Profissão                                            | Jornada de trabalho semanal em horas | Tempo de prática de tênis | Local de prática de tênis                                                          | Faixa etária | Renda                       |
| T 1 - Ashe                                                | M    | Superior Incompleto                    | Solteiro     | Preto                                                                           | Professor de Tênis                                   | média de 20 a 30 horas               | 2 anos e meio             | Quadras Públicas (Lagoa do Nado e Mangabeiras) e Quadra Privada Fast Tênis Buritis | 30 anos      | Até 03 salários mínimos     |
| T 2 - Tsonga                                              | M    | Pós-Graduação Latu Sensu               | Casado       | Preto, mas o pessoal me fala que eu sou moreno, mas eu sou preto mesmo, de sol. | Aposentado na área bancária e professor de tênis.    | 20 horas                             | mais de 50 anos           | Clube da Caixa                                                                     | 62 anos      | De 03 a 05 salários mínimos |
| T 3 - Monfils                                             | M    | Ensino Médio incompleto                | Casado       | Preto. Negro                                                                    | Professor de Tênis                                   | cerca de 60 horas por semana         | 28 anos                   | Clube da Caixa/ e no clube da Dynamis (Projeto Social)                             | 40 anos      | De 02 a 03 salários mínimos |
| T 4 - Tiafoe                                              | M    | Pós-Graduação Stricto Sensu incompleto | Solteiro     | Preto                                                                           | Bolsista CNPQ/Pesquisador e Professor de Estatística | mais de 40 horas                     | 1 ano e meio              | Escola Privada (Open Tênis)                                                        | 25 anos      | De 03 a 05 salários mínimos |
| T 5 - Shelton                                             | M    | Pós-Graduação Stricto Sensu Completo   | Solteiro     | Negro                                                                           | Professor de Ciências                                | 40 horas                             | 5 anos                    | Clubes Privados e quadras públicas                                                 | 39 anos      | De 06 a 08 salários mínimos |

| PERFIL SOCIOECONÔMICO E EXPERIÊNCIA PESSOAL COM O ESPORTE (continuação) |      |                          |              |                         |                                        |                                      |                           |                           |                    |                              |
|-------------------------------------------------------------------------|------|--------------------------|--------------|-------------------------|----------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------------|------------------------------|
| Nome fictício                                                           | Sexo | Escolaridade             | Estado civil | Auto declaração de raça | Profissão                              | Jornada de trabalho semanal em horas | Tempo de prática de tênis | Local de prática de tênis | Faixa etária       | Renda                        |
| T 6 - Blake                                                             | M    | Superior Completo        | Solteiro     | Preto                   | Servidor Público Federal               | 40 horas                             | 5 anos                    | Quadras Públicas          | 32 anos            | De 03 a 05 salários mínimos  |
| T 7 - Willians                                                          | F    | Superior Completo        | Solteira     | Preto                   | Arquiteta                              | 31 a 40 horas                        | 20 anos                   | Pampulha Tênis            | entre 34 e 41 anos | De 03 a 05 salários mínimos  |
| T 8 - Gauff                                                             | F    | Pós-Graduação Latu sensu | Casada       | Preto                   | Marketing Digital & Gestão Estratégica | mais de 40 horas                     | 2 anos e meio             | Fast Tennis Belvedere     | entre 34 e 41 anos | Acima de 12 salários mínimos |
| T 9 - Mmoh                                                              | M    | Superior Completo        | Casado       | Pardo                   | Instrutor de Tênis e Beach Tênis       | 10 horas                             | 20 anos                   | Thomé Tênis               | entre 34 e 41 anos | 03 a 05 salários mínimos     |
| T 10 - Brown                                                            | M    | Ensino Médio completo    | Solteiro     | Preto                   | Instrutor de Tênis                     | 30 horas                             | 6 anos e meio             | Associação Pampulha Tênis | 25 anos            | 03 salários mínimos          |

Na sequência, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada.

## 7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo, inicialmente, será dedicado à análise da categoria "o tênis e as vivências de lazer de pessoas negras", a partir das respostas colhidas nas entrevistas e, posteriormente, será dedicado às demais categorias que guiarão as análises aqui desenvolvidas. Diante desse cenário, a presente pesquisa se propõe a dar voz a pessoas negras praticantes do tênis, relacionando as suas vivências de lazer com a teoria de Pierre Bourdieu.

### 7.1 O tênis e as vivências de lazer de pessoas negras

No caso específico desta pesquisa, abordaremos a vivência do esporte tênis a partir de um referencial teórico enquanto uma atividade de lazer, sem contudo deixar de levar em consideração a análise do discurso dos entrevistados, uma vez que os dados coletados nos demonstraram que dentre os participantes da pesquisa temos pessoas negras que experimentam o tênis como atividade laboral, outros como alto rendimento, e ainda para uma parcela dos entrevistados o tênis é essencialmente um esporte praticado para vivenciar o lazer.

Nessa perspectiva de o tênis ser uma experiência de lazer para os entrevistados, as respostas foram variadas, evidenciando diferentes pontos de vista ao comentar: sim... também... com certeza... pode ser que sim.... talvez. Isso indica uma dificuldade apresentada, por alguns participantes da pesquisa, para discorrer um pouco mais sobre a possibilidade da prática esportiva, e no caso em estudo do tênis, ser uma experiência de vivência de lazer. E mais, foi possível perceber que o lazer, na perspectiva dos entrevistados, foi definido como uma forma de diversão. Obviamente, a diversão faz parte do contexto do lazer, mas, é certo também que ele vai além disso. Assim, torna-se necessário, a partir de um referencial teórico, buscar construir uma visão um pouco mais ampliada das possibilidades de entendimento sobre o lazer.

Nesse sentido, sob o prisma de Christianne Gomes (2008), o lazer é concebido como uma necessidade humana e dimensão da cultura, constituída a partir da articulação de três elementos: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social. Sendo que, segundo a autora, as necessidades humanas

podem ser satisfeitas de múltiplas formas, o que também é válido para o lazer, enquanto uma dessas necessidades (Gomes, 2014).

Sobre os elementos que compõem a concepção do lazer segundo C. Gomes (2014) temos a ludicidade, que para a autora não é algo que está associado à infância, mas se concretiza por meio de jogos, brincadeiras e incontáveis atividades culturais que se integram e compõem o contexto do lazer.

O termo lúdico tem sua origem etimológica no latim que é *ludus*, o qual possui o sentido de brincar, de jogar, uma relação com o prazer manifesto por meio do comportamento humano em suas práticas lúdicas simples ou complexas, modestas ou sofisticadas. Nessa direção, é possível considerar o tênis como uma atividade esportiva de lazer que permite aos seus praticantes experiências de ludicidade (Santos, 2018).

Entende-se a tríade jogo/comportamento lúdico/ludicidade como um fenômeno básico do comportamento humano, que existe desde que o ser humano é humano e que vai continuar existindo para além desse tempo histórico no qual estamos inseridos. Esse fenômeno é observável nas práticas de lazer contemporâneas, comprimido dentro do tempo e do espaço do lazer, daí a importância de entendê-los. (Santos, 2018, p.30).

E ainda, na esteira da categorização do tênis e as vivências de lazer de pessoas negras, é preciso considerar a relação do tempo/espaço social no arcabouço teórico do lazer, um binômio que pode ser traduzido pelo movimento dialético entre a produção das relações sociais na sociedade e a apropriação do que é produzido durante os processos de interações sociais (Gomes, 2014).

Outro aspecto a ser mencionado relaciona-se com o ponto de vista de Bourdieu (1983), quando o autor faz uma série de questionamentos sobre os processos de apropriação no campo esportivo. Em especial, no que diz respeito às possíveis interferências nas escolhas dos indivíduos por uma determinada modalidade esportiva, e como essas estão relacionadas com “gosto” e, conseqüentemente, com os estilos de vida.

Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os "produtos esportivos", isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes "produtos esportivos" assim produzidos, prática do golfe ou do esqui, leitura de jornais esportivos, reportagem televisada

da copa do mundo de futebol? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos "produtos esportivos", como as pessoas passam a ter o "gosto" pelo esporte e justamente por um esporte mais que outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (Bourdieu, 1983, p. 136).

Identificado ficticiamente pelo sobrenome de um tenista negro norte-americano, o entrevistado T5 Shelton, ao ser interpelado sobre o tênis e as suas necessidades humanas de divertimento, faz um relato conexo com a dialética do tempo/espço social. Ele discorre sobre o lapso temporal que as pessoas negras precisam perpassar para experimentar um tipo de lazer diferenciado, tido como elitizado, como no caso específico do tênis.

O tênis, pra eu chegar a jogar, pra eu me estruturar pra jogar tênis, eu tive que fazer muitas coisas antes na vida. Eu não tive como jogar tênis por prazer na infância como eu jogava futebol, jogava peteca com os amigos, jogava qualquer coisa, bolinha de gude. O tênis foi mais um desafio depois de certa estabilidade financeira, em poder ter acesso a um esporte que eu não tinha e poder divertir com ele, poder curtir, poder participar de um ciclo social ligado ao esporte, mas que ele se tornou um prazer. Não porque ele é um prazer assim natural na minha classe social, nas minhas relações de vida, mas ele se tornou porque, antes dele, eu tive que me estruturar totalmente pra que ele pudesse ser isso, porque naturalmente ele não é. (T5 Shelton, entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Em relação ao depoimento supracitado, para além dos obstáculos econômicos, Bourdieu (2008) elencou outros fatores dissimuladores ao direito de entrada das classes populares em alguns esportes de elite, como a tradição familiar, a aprendizagem precoce, a atitude (conduta considerada digna), e técnicas de sociabilidade de práxis, fatores mencionados a partir da ótica dos dominantes dos espaços sociais dos esportes de elite.

Especificamente sobre a aprendizagem precoce, o entrevistado T5 Shelton, ao falar sobre a sua experiência de lazer na prática do tênis, coloca que é preciso fazer um recorte sobre esse percurso cronológico que algumas pessoas pertencentes a certos estratos sociais precisam percorrer para conseguir acessar alguns bens ou serviços tidos como sendo de elites.

Bourdieu (2002), interpreta o campo esportivo como sendo um espaço marcado pela forma, no caso dos dominantes, e pela função no que diz respeito aos dominados. Enquanto os primeiros se esforçam o tempo todo para manter a ordem

estabelecida, os segundos, por sua vez, buscam estabelecer uma contraposição à lógica existente e persistente, como se pode notar no caso da presença de pessoas negras em uma modalidade esportiva marcada pela hegemonia branca, como o tênis (Bourdieu, 2002).

Pelo fato de que os diferentes princípios de divisão pelos quais a classe dominante adquire sua estrutura nunca são perfeitamente independentes, tais como as oposições entre os mais afortunados de capital econômico e as mais bem providos de capital cultural, entre os herdeiros e os novos-ricos, os velhos e as jovens (ou os juniores), as práticas das diferentes frações tendem a distribuir-se, desde as frações dominantes até as frações dominadas, segundo uma série de oposições que, por sua vez, são parcialmente redutíveis umas às outras: oposição entre os esportes mais dispendiosos e os mais chiques - golfe, iatismo, equitação, tênis - ou as maneiras mais dispendiosas e as mais chiques de praticar esses esportes (clubes privados), por um lado, e, por outro, os esportes menos dispendiosos - passeio, caminhada, footing, cicloturismo, alpinismo, etc. - ou as maneiras menos dispendiosas de praticar os esportes chiques (por exemplo, em relação ao tênis, nos clubes municipais ou de férias); oposição entre os esportes "viris" que podem exigir um elevado investimento energético - caça, pesca à linha, esportes de combate, tiro aos pombos, etc. - e os esportes "introvertidos", voltados para a exploração e a expressão de si - yoga, dança, expressão corporal -, ou "cibernéticos", exigindo um elevado investimento cultural para um investimento energético relativamente reduzido (Bourdieu, 2008, p.206).

Ainda sobre o relato do entrevistado T5 Shelton, ao discorrer sobre a impossibilidade de vivenciar o tênis como lazer de maneira prazerosa na infância, os obstáculos econômicos decorrentes de processos de desigualdades sociais se colocaram diante dele como barreiras para o seu acesso a essa modalidade esportiva, o que consequentemente impossibilitou a aprendizagem precoce do esporte.

Bourdieu (2008), sobre a questão que envolve o tempo em que se dá a inserção dos indivíduos de classes populares em esportes mais elitizados como o golfe, o esqui, o iatismo, e no caso do estudo o tênis, argumenta que o fator da aprendizagem precoce do esporte é um dos obstáculos que podem explicar como se dá a distribuição de algumas práticas esportivas pelas frações das classes sociais. Para o autor, se trata de fatores impeditivos.

Outro fator apontado por Bourdieu (2008) como um dos dissimuladores de direitos de entrada de pessoas oriundas de classes populares aos esportes de elite, é a tradição familiar. O jogador negro de tênis profissional João Lucas Reis é uma

das histórias públicas de exceção de acesso precoce de pessoas negras no contexto dessa modalidade esportiva elitista. Ele comenta:

Comecei a jogar tênis com quatro anos, minha família inteira joga. Meu pai e minha mãe são fanáticos por tênis. Meu irmão, seis anos mais velho do que eu, competiu até os 15 anos. Sempre, desde pequeno, admirei muito o Gabriel, sempre quis fazer tudo o que ele fazia. Passávamos o dia inteiro no clube e fui me apaixonando cada vez mais, só queria saber de tênis. Eu fazia outros esportes também, mas o tênis era minha paixão. Sempre gostei muito de jogar, quando eu tinha sete anos eu comecei a fazer aulas três vezes por semana. Tudo que eu queria, eu contava as horas para as aulas. (A Voz do Tênis: #6 - João Lucas Reis: O olhar do negro no tênis no Apple Podcasts 14/07/2020).

João Lucas Reis (figura 5) é considerado um dos expoentes contemporâneos do tênis masculino brasileiro. Segundo ele: “racismo existe, sim. No Brasil, poucos tenistas são negros. Isso é reflexo do racismo impregnado na sociedade.” Tal percepção corrobora a teoria bourdieusiana que discorre sobre o dissimulador de direito de entrada da tradição familiar para a facilitação do ingresso de pessoas oriundas de classes populares no contexto dos esportes de elite (Bourdieu, 2008).

Figura 5 - João Lucas Reis da Silva



Fonte – Tênis Brasil (16/04/2024) – Foto Luiz Cândido/CBT

Para Bourdieu (2008), a variação ou distribuição das práticas esportivas segundo o critério de classes, está vinculado às variações de capacidades de escolhas a partir da percepção e da apreciação, ou seja do *habitus*, das vantagens imediatas ou diferidas proporcionadas em questões relacionadas às variações dos

custos econômicos, culturais e corporais das diversas modalidades esportivas, todas elas vinculadas ao gosto dos indivíduos, o que nos permite inferir que pessoas oriundas de classes populares podem a partir de uma percepção e apreensão desenvolver um gosto por esportes elitizados.

[...] é preciso que haja bens classificados, de “bom” ou “mau” gosto, “distintos” ou “vulgares”, classificados e ao mesmo tempo classificantes, hierarquizados e hierarquizantes, e que haja pessoas dotadas de princípios de classificações, de gostos, que lhes permitam perceber entre estes bens aqueles que lhes convém, aqueles que são “do seu gosto” (Bourdieu, 1983a, p. 127).

Pelo discurso do entrevistado T4 Tiafoe, é possível abstrair essa correlação entre as variantes de classe e raça ao se falar percentual de presença de pessoas negras no contexto do tênis em suas vivências de lazer e nas questões que envolvem o acesso de indivíduos de classes populares aos esportes de elite.

Ah, definitivamente. Eu mexo muito com estatística, dados. Querendo ou não, a maioria das pessoas que têm uma renda baixa no Brasil são negras. Isso aí é um fato, é uma coisa histórica, tem vários motivos ali dentro. E tem essa associação da pessoa negra com a pessoa de baixa renda, que isso se torna uma barreira ali da própria pessoa que tem baixa renda e ela quer se inserir no meio que é 90% branco, sabe? Então é uma situação... eu vou dar um exemplo. Eu olho 100 jogadores ali e identifico 5 pessoas negras. (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Sobre o cenário das desigualdades e preconceitos marcados pelas nuances de um racismo institucional, assim se posiciona Bento (2022):

O conceito de racismo institucional é importante, porque dispensa discussões sobre, por exemplo, se determinada instituição ou seus profissionais explicitam, na atualidade, preconceito contra negros e negras. O que importa são os dados concretos, as estatísticas que revelam as desigualdades. (Bento, 2022, p.56).

O entrevistado T4 Tiafoe, ao falar sobre sua vivência de lazer no tênis, traz no bojo do seu discurso traços percebidos e apreciados pelo gosto dominante no contexto do referido esporte. O entrevistado diz que gosta muito do tênis pelo seu perfil, de ser um esporte individual que estabelece a dependência só do jogador. Ao falar sobre perfil de individualidade do tênis, o entrevistado salienta uma das características distintivas dos esportes de elite elencadas por Bourdieu (2008).

É claro que os esportes de equipe- por exigirem apenas competências ("físicas" ou adquiridas), quase igualmente distribuídas entre as classes, além de serem acessíveis nos limites do tempo e da energia física disponíveis- deveriam ser praticados com uma frequência cada vez maior à medida que se sobe na hierarquia social, como é o caso dos esportes individuais, se, em conformidade com uma lógica observada em outros domínios (por exemplo, a prática fotográfica), sua própria acessibilidade e todas as propriedades correlatas, como os contatos sociais indesejáveis, não os tornassem detestáveis para as membros da classe dominante. (Bourdieu, 2008, p.203).

Outro entrevistado que fez uma descrição com traços de percepção e apreensão manifestos pelo gosto dominante, foi T5 Shelton. Ele descreveu de maneira minuciosa o tênis a partir do seu perfil estético, qualificando-o como um esporte elegante, o que corrobora a evidência da manifestação do *habitus* de uma pessoa de classe média em ascensão que se encantou por um esporte de elite.

Tem pessoas que não gostam de esportes de contato físico, por vários motivos: por questão de saúde, medo de machucar, medo de contactar, medos dos impactos, medo da reação do outro, medo de conviver assim proximamente com o outro. Então o tênis, quem procura o esporte individual, procura o tênis não só porque ele é um esporte elegante, porque o tênis de fato é um esporte elegante, um esporte que se joga com um equipamento, é um esporte que tem um contato direto com a bola, então ele tem a sua alma elegante, mas também para quem não tem o contato físico, prefere esporte sem essa força próxima com o oponente, ele é procurado por isso, com certeza. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

O entrevistado T1 Ashe também apresentou a característica do distanciamento social que o tênis proporciona aos seus jogadores como algo que, para ele, é importante na sua inserção nesse esporte, para estar em seus momentos de trabalho, pois é professor de tênis, e de diversão na medida do possível, como bem colocado em seu discurso.

A princípio a minha escolha foi por conta de eu gostar de fazer esporte e por conta da dança eu tive que parar de jogar futebol, de ter esporte de contato e quando eu tive oportunidade de conhecer o tênis, eu vi que era um esporte que não tinha muito contato, e eu tinha mais controle e gastava energia, e achei legal (T1 Ashe entrevista concedida à pesquisadora em 30/11/2023).

Sobre a questão do distanciamento social no campo esportivo, Bourdieu (2004) em sua obra *Coisas Ditas*, discorre sobre a distância social como um marcador da distinção, sendo ela bem manifesta em todos os espaços, onde ficam

os não praticantes ou mesmo onde se desenrola à prática, na lógica dos esportes de elite, como no golfe, no tênis e outros (Bourdieu, 2004).

O entrevistado T1 Ashe, ao narrar sobre sua vivência de lazer como homem negro no campo esportivo do tênis, nos apresenta uma outra forma característica de uma espécie dissimulada de direito de entrada de pessoas provenientes de camadas populares no contexto dos esportes de elite. No caso, o entrevistado elegeu o tênis como uma profissão, ou seja, o acesso é permitido desde que para prestação de um ofício, fosse como catador de bolinha (boleiro), professor de tênis, cuidador de quadras e outras atividades laborais.

Então, aí, sinceridade mesmo? É uma coisa que me incomoda um pouco, essa relação de que às vezes pela sua situação, algo que você faz bem, a maneira que você consegue continuar é trabalhando com aquilo. Eu não queria ter que trabalhar com o tênis, eu queria ter o tênis como hobby, mas, a princípio, foi o que foi melhor pra mim. É uma coisa que eu gosto e que eu tô tentando separar os momentos que eu estou apenas curtindo o esporte e os momentos onde eu estou estudando, e dando aula (T1 Ashe entrevista concedida à pesquisadora em 30/11/2023).

A partir do relato do entrevistado T1 Ashe é possível perceber que ele gostaria de ter o tênis como uma vivência de lazer, mas, por questões do cotidiano da vida, o esporte escolhido como hobby se transformou em uma forma de subsistência. Porém, apesar da manifesta frustração, ele ressalta que ainda consegue experimentar alguns momentos de lazer na sua inserção no contexto do tênis. Ele também destaca a determinante de direito de acesso ao aprendizado precoce do tênis, fato esse não vivenciado por ele que passou a vivenciar o tênis como lazer e, posteriormente, como atividade profissional em fase adulta.

Aí é uma coisa que eu tô entendendo um pouco mais. Porque aí eu já vejo uma relação de pessoas que já têm o tênis como estrutura desde antes, então já tem uma relação de pessoas que já fazem tênis. Eu, inclusive, dando aula, eu tenho alunos que são crianças, sei lá, treze anos, oito anos, e já vai ter essa noção de um esporte desde novo. Então essa relação dessas pessoas é um pouco diferente com relação a outras pessoas que foram aprender depois de velho. Sabe? Eu vejo que tem algumas pessoas que tiveram um pouco de ascensão e aí puderam escolher o esporte, o tênis como um tipo de esporte e outras pessoas que já têm um nível tranquilo e que já têm o tênis como algo rotineiro. Aí a relação, nesse sentido, eu acho que varia muito (T1 Ashe entrevista concedida à pesquisadora em 30/11/2023).

Diante desse cenário de inserção de pessoas negras no tênis, o entrevistado T3 explana sobre sua vivência de lazer como pessoa negra no espaço dessa modalidade esportiva. Cabe destacar que seu acesso foi possibilitado por um dos fatores dissimuladores de direito de entrada no campo esportivo do tênis, ou seja, ao exercer uma atividade profissional como professor de tênis.

Me divirto sim, porque eu tenho uns alunos particulares e eles tão ali só para bater na bola, pra distrair. Então, acaba que vira uma palhaçada, uma brincadeira entre eles ali, mas é uma brincadeira, senta bate um papo, conversa, não tão ali mais com aquela vontade de bater, é só pra não perder as batidas que já teve, não perder o tempo, não ficar parado, tem que ter o que fazer, aí você tem que levar mais na diversão e acaba que você vai se divertindo junto com eles. (T3 Monfils entrevista concedida à pesquisadora em 12/12/2023).

A entrevistada T7 Willians, quando indagada sobre sua experiência de lazer como uma pessoa negra no espaço do tênis, relatou uma sequência de benefícios (corpo, mente e relações sociais) que são proporcionados pelo esporte.

Corpo: Melhora a saúde cardiovascular, desenvolve a coordenação, a agilidade e força muscular, promove a perda de peso e aumenta a resistência física. Mente: Reduz o estresse e a ansiedade, melhora a concentração e o foco, estimula a tomada de decisões rápidas e estratégicas, e promove a disciplina e autoconfiança. Relações sociais: Proporciona oportunidades para fazer novos amigos e criar laços sociais, promove o espírito de equipe e competição saudável, e oferece uma maneira divertida e socialmente envolvente de se exercitar. (T7 Willians, entrevista concedida à pesquisadora em 28/03/2024).

Pelo discurso da entrevistada T7, que é uma tenista profissional com 20 anos de experiência, foi possível perceber aproximações entre sua vivência do lazer e a visão de C. Gomes (2014), ou seja, como sendo uma possibilidade de satisfação das necessidades humanas, seja como esporte de alto rendimento e ou como uma atividade de lazer. Na resposta temos a descrição minuciosa de benefícios físicos, mentais, como também os relacionados aos aspectos ligados à sociabilidade. A entrevistada também relatou que nos últimos anos o tênis tem sido mais vivenciado por lazer, e que quando ela era adolescente, a prática desse esporte era apenas para participar de campeonatos e ser uma jogadora profissional.

Nesse contexto, cabe ressaltar que os benefícios físicos listados pela entrevistada T7 Williams, e até mesmo quando voltada para resultados profissionais, são apontados pelo teórico Bourdieu (2008) em sua obra *A Distinção – crítica social*

*do julgamento*, como marcadores distintivos de distribuição das práticas esportivas entre as classes sociais, onde, a partir do *habitus* pelos esquemas de percepção e apreciação, as diferentes classes buscam os benefícios que estão associados aos diferentes tipos de esportes.

Para Bourdieu (2008), quando pessoas pertencentes à burguesia ou à alta burguesia escolhem praticar esportes como o tênis, estão objetivando os benefícios de distinção, como magreza, bronzado de pele, musculatura aparente, proporcionados ao corpo pelos efeitos dos exercidos sobre o corpo. Já as classes populares teriam uma relação mais instrumental com o corpo, mais voltada para o regime alimentar, cuidados com a beleza, relação com a doença e cuidados com a saúde (Bourdieu, 2008).

A relação instrumental com o próprio corpo que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo ou como objeto ou pretexto – regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com doença ou cuidados com a saúde – manifesta-se também na escolha dos esportes que, além de implicarem um grande investimento de esforços, dificuldade ou, até mesmo, de sofrimento (tal como o boxe), exige, às vezes, a utilização do próprio corpo – tais como a motocicleta, o paraquedismo, todas as formas de acrobacia em certa medida, todos os esportes de combate. (Bourdieu, 2008, p. 200).

Articulando os benefícios das relações sociais listados pela entrevistada T7 Williams com os fundamentos sistematizados por Bourdieu (2008), este autor pontua que a técnica de sociabilidade de praxe é um dos fatores utilizados como dissimulador de direito de entrada de classes populares e média em ascensão aos esportes chiques e distintos (golfe, esqui, equitação, tênis) na sociedade (Bourdieu, 2008).

O entrevistado T4 Tiafoe apresenta uma outra perspectiva sobre a vivência de lazer de pessoas negras na prática do tênis: a possibilidade de sociabilidade. Para o entrevistado, o espaço social do tênis é *locus* de possibilidade de processos de interações sociais significativas entre os participantes, o que pode se dar através do jogo em forma de uma brincadeira.

Com certeza, eu acho isso importantíssimo. Eu acho ali o espaço do tênis, principalmente se você tá jogando frequentemente com a pessoa, você acaba ficando amigo da pessoa, você acaba aprendendo o jeito que ela joga. Sabendo jogar junto com a pessoa, você acaba virando uma dupla com a pessoa. Você aprende a jogar contra ela. E é uma coisa que você acaba conversando antes do jogo, depois do jogo. Tem uma relação social

ali, tem um bem social que se faz. Posso até dar um exemplo disso. Há algumas semanas que eu tô isolado socialmente, eu tô só trabalhando e vou ver a minha noiva no final de semana e só. Nos dias de semana, eu tô trabalhando, trabalhando, trabalhando. Eu sou programador, então eu faço consultoria. Fico sozinho na frente do computador por 16h num dia. Então, eu poder interagir com outras pessoas, enquanto eu tô jogando, poder rir, fazer brincadeira, isso é muito importante. Às vezes é a única interação social que eu tenho no dia. (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Como se pode observar a partir da fala do entrevistado T4 Tiafoe, para ele o tênis é um esporte que possibilita aos seus praticantes vivenciar momentos de produção de sociabilidade pelas diversas interações sociais que se desenvolvem dentro e fora das quadras. Contudo, não se pode deixar de levar em conta que o espaço social do campo esportivo é local de lutas, nele são travadas inúmeras disputas do monopólio de imposição da prática e do corpo legítimo, e ainda que nesse ínterim estão presentes manifestas ou não, as lutas simbólicas de raça, de gênero, de classe social e outros (Bourdieu, 1983).

Pensar o esporte criticamente é constatar, dentre outras coisas, que o seu conjunto de contradições é especificamente nocivo para grupos sociais historicamente marginalizados, cuja via de acesso à modernidade esportiva não se dá sem luta, resistência e processos (complexos) de assimilação e transformação da realidade ideologicamente preestabelecida. (Ferreira Junior, 2021, p.18).

O entrevistado T2 Tsonga foi um dos tenistas que fez referência ao tênis como um esporte de lazer. Quando foi perguntado se o tênis representava para ele, uma pessoa negra, uma experiência de lazer, respondeu de pronto que sim. Segundo o entrevistado, em todo o mundo não há mais que dez mil jogadores profissionais de tênis. Porém, o número de praticantes desse esporte com fins de lazer é bastante elevado, por isso ele diz que sim, o tênis é um esporte de lazer.

Claro, tênis é um esporte de lazer. Basicamente é isso, se você for colocar em números digamos aí se a ATP tiver muito, é em torno de 10 mil tenistas profissionais...no mundo inteiro. (T2 Tsonga entrevista concedida à pesquisadora em 04/12/2023).

A história de inserção do entrevistado T2 Tsonga no contexto do tênis, inicialmente como possibilidade de lazer e mais tarde se tornando professor de tênis é rica em detalhes. Vale ressaltar que de todos os participantes da pesquisa, este

entrevistado é o que tem mais tempo de experiência com essa modalidade esportiva, ou seja, são 50 anos ou mais.

Boa! Há 50... se não me engano 52. Comecei com 11, eu tô com 62, há 10 anos. Isso, com 10 anos eu comecei a ter o primeiro contato com o tênis. São mais de 50 anos (T2 Tsonga entrevista concedida à pesquisadora em 04/12/2023).

Na descrição do seu primeiro contato com o esporte, o entrevistado T2 Tsonga descreve de maneira minuciosa como no período da década de 1960, quando ele e seu irmão foram passar as férias na casa de uma tia no Rio de Janeiro. Em uma das "fugidas de crianças", ele descobriu o espaço do clube Fluminense pelo buraco existente no muro. Daí, os meninos negros tomados pela curiosidade se depararam com dois importantes jogadores brasileiros treinando, e foi a partir daquele "buraco no muro" que aquelas crianças negras descobriram o tênis como uma oportunidade de vivência de lazer.

Aí a gente começou a brincar lá fora. Lá embaixo, na área de estacionamento. E nós vimos um buraco no muro e menino é meio, né? Quero ver o que tem do outro lado. Aí nós passamos pro outro lado era o clube do Fluminense. O buraco era exatamente atrás da quadra de tênis. E todo santo dia a gente ficava lá naquele buraco vendo o pessoal jogar. Por que a gente ficava vendo? Porque era bonito. Quem treinava na época, depois a gente veio a descobrir isso, Thomas Koch, Edson Marinho, só craques do Brasil. Eles treinavam toda manhã lá. Eles treinavam de 6 da manhã até meio-dia. A quadra era deles. E a gente lá no buraco. Um belo dia, o Thomas Koch descobriu a gente no buraco. Vem cá. A gente pensou: "ferrou vai levar a gente pra dona. O pau vai quebrar, esse negócio não vai dar certo". E ele perguntou: "Vocês querem pegar a bolinha pra gente?" Eu falei assim: "Eu não sei". "Mas eu te ensino". Aí nós fomos pra quadra. E todo dia, depois do treino deles, ele passava uma raquete pra gente e começava a brincar com a gente, que era o jeito dele pagar a gente pelo negócio, só que a gente não sabia que era isso. (T2 Tsonga entrevista concedida à pesquisadora em 04/12/2023).

A história de T2 Tsonga é bem semelhante à de outros participantes da pesquisa, qual seja, do ingresso de pessoas oriundas de classes populares no contexto do esporte de elite e lazer do tênis, pelas vias de uma espécie de mecanismo dissimulador de direito de entrada – no caso específico do tênis, como boleiros (catadores de bolinhas). O entrevistado ainda coloca, em sua entrevista, que "a maioria dos professores, hoje, a grande maioria dos professores da velha guarda são ex-boleiros". Ou seja, na experiência do entrevistado T2 Tsonga, a lógica

foi primeiro o trabalho e depois o direito à vivência do lazer no contexto do esporte de elite (Bourdieu, 2008).

Já caminhando para finalizar a análise da categoria as vivências de lazer de pessoas negras no contexto do tênis, baseada no referencial teórico de Pierre Bourdieu, torna-se relevante tecer algumas considerações acerca dos espaços de prática do esporte de elite e lazer do tênis.

Pela tradição, trata-se de um esporte praticado em ambientes fechados, sendo esses em sua maioria os clubes associativos. Dos dez entrevistados, três relataram que essa modalidade esportiva pôde ser vivenciada em quadras públicas, os demais estão ou em clubes associativos ou em escolas particulares de tênis.

Assim, o tênis era praticado em espaços fechados como clubes privativos, frequentados por pessoas de alto nível econômico-financeiro, e em um passado mais remoto à origem do esporte em luxuosos ambientes, como parques e jardins com quadras privativas construídas com esmero e conforto (Giffoni, 1989).

Sobre a relação da vivência do lazer através do tênis em ambientes fechados rodeados de luxo e conforto, Bourdieu (2008), em sua obra *A Distinção – crítica social do julgamento*, coloca que:

Em relação às diversões, é realmente o paraíso. Segundo a estação do ano você pode fazer esqui, em pleno centro do fantástico maciço do *Mont Blanc*, ou tirar proveito dos mais belos percursos de golfe da França. O hotel põe à disposição, igualmente, quadras de tênis, assim como a piscina coberta com sauna e sala de ginástica (Bourdieu, 2008, p.289).

O entrevistado T5 Shelton, ao falar do processo de popularização do tênis, ressalta a oportunidade que pessoas de classes menos abastadas, entre as quais as pessoas negras, estão tendo oportunidade de vivenciar o lazer através do esporte do tênis.

O tênis é um esporte de elite em processo de popularização, lento processo de popularização na minha visão, porque ele foi descoberto como... ele foi redescoberto pelas camadas da classe média, das classes populares como uma oportunidade de emprego, para trabalhar, uma oportunidade de jogar nas quadras públicas. Como ele tem o seu requinte, e as pessoas gostam de participar deste ciclo de esportes mais requintados, isso gerou essa popularização do tênis, que era de elite, mas creio que está em processo de popularização (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Entretanto, Bourdieu (2008) levanta alguns questionamentos sobre determinados fatores como a aprendizagem precoce, a frequência idêntica da prática esportiva, dos lugares de prática sendo estes públicos ou privados, os quais, na visão do autor, operam como marcadores de distinção no campo esportivo, além de impedirem uma "homogeneidade social" dos praticantes.

Mas, será que se pode colocar na mesma classe, com frequência idêntica, aqueles que praticam o esqui ou o tênis, desde a mais tenra idade, e aqueles que tiveram acesso a esta prática na idade adulta ou, ainda, aqueles que praticam o esqui nos períodos de férias escolares e aqueles que têm os meios de praticá-la a contratempo ou, se é que se pode falar assim, a contralugar, com o esqui fora de pista ou o esqui de fundo? De fato, por falta de homogeneidade social dos praticantes, salvo raras exceções, os públicos definidos pela prática da mesma atividade funcionam como campos em que a própria definição pela prática legítima está em jogo: os conflitos a propósito da maneira legítima de praticar ou das condições, mais ou menos raras, da prática – créditos, instrumentos, espaços, etc. – retraduzem quase sempre as diferenças sociais na lógica específica do campo. Assim, determinados esportes que se “democratizam” podem fazer coincidir – frequentemente, em espaços ou tempos separados – públicos socialmente diferentes que correspondem a idades diferentes do esporte considerado (Bourdieu, 2008, p.200).

Os obstáculos econômicos podem não ser os únicos demarcadores de desigualdade social no campo esporte, que impedem pessoas e classes populares e, no caso desta pesquisa, pessoas negras no contexto do tênis, mas eles operam como um impedimento de grande relevância, como apontado pelo entrevistado T5 Shelton.

Como os negros estão limitados a espaços sociais mais vulneráveis, as barreiras que os negros enfrentam são as mesmas barreiras que eles enfrentam para ir ao shopping, ir ao clube, usar uma piscina, usar uma sauna, comer uma comida, um lanche mais caro. (...) as barreiras do tênis para a população negra são uma dentre as milhares de barreiras que a população negra enfrenta todos os dias para poder fazer coisas simples. Uma viagem de avião (Entrevistado T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Esta discussão terá continuidade no próximo tópico, considerando sobretudo o viés da escolha dessa modalidade esportiva por parte das pessoas negras entrevistadas nesta pesquisa com base no “gosto” e na opção por um determinado estilo de vida.

## 7.2 O gosto e o estilo de vida de pessoas negras que apreciam o tênis

A categoria de análise escolhida para ser desenvolvida neste tópico é o gosto e o estilo de vida de pessoas negras inseridas no contexto do tênis, o percurso analítico será pautado no discurso coletivo dos entrevistados e no referencial teórico de Pierre Bourdieu sobre o *habitus*, o gosto e estilo de vida.

Para dar início à discussão sobre gosto, estilo de vida e tênis, no livro *A Distinção – a crítica social do julgamento* –, há um capítulo em que o autor discorre sobre o gosto "puro" e o gosto "bárbaro". Ao destacar uma citação de Suzanne Langer, Bourdieu levanta a temática sobre o acesso à arte; a música, a pintura e, até mesmo aos livros - e por que não dizer, também aos esportes - que é negado às massas populares, sendo esses prazeres reservados às pessoas ricas. A citação ressalta que o resultado teria sido diferente caso ao pobre, "ao vulgar", tivesse sido oportunizado simultaneamente o acesso de maneira igualitária àqueles bens e serviços. Porém, por variados meios, o acesso a tais bens e serviços foi possibilitado, porém o julgamento sobre tais coisas pelas massas populares é diferenciado do das pessoas ricas (Bourdieu, 2008).

O entrevistado T5 Shelton enfatiza, em seu discurso, a negação desse acesso igualitário ao esporte do tênis para as pessoas negras, o que para ele pode ser devido a questões econômicas. Ou seja, não se trata de uma questão de gosto e sim da negação de um acesso pautado em desigualdades socioeconômicas.

É exatamente isso. Os negros que jogam nos clubes que eu vou são pessoas que ascenderam socialmente, por algum motivo aí, acadêmico, enfim. Então são negros e negras que ascenderam, têm um emprego que permite a elas uma condição financeira tranquila e com isso elas gozam dessa vida como uma pessoa branca que joga tênis, que paga seu instrumento, suas roupas, sua raquete. Não são pessoas assim, não são pessoas negras que estão ali de uma forma voluntariada, de querer participar do esporte, de querer aprender mais. Não! São pessoas estabilizadas financeiramente que praticam esporte como atividade de lazer, uma competição saudável de final de semana. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024)

Da relação do *habitus* sistema gerador de disposições, percepção e apreensão de bens e serviços, objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é que se produz o estilo de vida. Portanto, o gosto é o resultado das escolhas feitas pelos sujeitos a partir de um determinado estilo de vida, ou seja, de um conjunto unitário de preferências. Na perspectiva de Bourdieu (2008):

O gosto, propensão e aptidão para a apropriação - material e/ou simbólica - de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos - mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal - a mesma intenção expressiva (Bourdieu, 2008, p.165).

O entrevistado T4 Tiafoe manifesta o seu gosto pelo esporte do tênis. Ele comenta que foi apresentado ao esporte por um dos seus professores do mestrado. Desde que teve a oportunidade de acessar o tênis, desenvolveu um gosto por este esporte.

Eu gosto muito de esportes em geral. Eu sempre fui muito próximo. Eu não pratico só o tênis, hoje em dia, eu corro, eu ando de bicicleta, eu já lutei por bastante tempo. Eu acho que é uma coisa que eu gosto muito do tênis, é que ele é um esporte... primeiro ele é muito individual, você depende só de você e isso faz com que... ah, você não precisa marcar com um time pra quando eu for jogar, e não precisa depender de mais ninguém. É só a minha individualidade comigo mesmo ali dentro. E eu acho que é um exercício muito gostoso de praticar. É um exercício que é muito satisfatório, você conseguir ter uma partida forte ali. Ele exige muito, muita atividade física, muita corrida. Muitos tiros de corrida. Então, é um exercício muito interessante pra mim; é muito satisfatório. Eu me divirto jogando (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

São relatos como o do entrevistado T4 Tiafoe que reforçam a premissa de que quando o acesso ao tênis não é negado às classes populares por algum dissimulador de direito de entrada pertencente à classe dominante, aqueles não só acessam como também, a partir do gosto, se apropriam de objetos e práticas que manifestam o seu estilo de vida pelas suas preferências, mesmo sendo estas carregadas de valores distintivos.

O relato do entrevistado T5 reforça a tese de que quando outras frações de classes sociais vencem as barreiras e acessam algumas práticas elitistas, como no caso do esporte do tênis, elas conseguem usufruir tanto quanto as classes mais abastadas dos benefícios proporcionados por determinado esporte.

O tênis representava pra mim uma... um esporte que além de eu gostar, um esporte que eu não tinha acesso, então, essa falta de acesso e gostar de algo que eu não tinha acesso, que eu não tinha como fazer porque as barreiras eram tantas e me fez depois de um tempo... ah, eu vou aprender, vou jogar e vou ver como é que é. Foi uma mistura de curiosidade com uma barreira social que havia. Eu não ter acesso ao esporte e assim eu busquei aprender. Mas eu só consegui fazer isso depois de uma longa trajetória de

vida pelas dificuldades que o esporte traz pro praticante amador. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

O entrevistado T3 Monfils é otimista quando assinala que os projetos sociais têm impulsionado o acesso ao esporte do tênis, dando oportunidade às crianças das classes populares para a manifestação do gosto por esta modalidade esportiva, que, como visto, é considerado um esporte distintivo da elite.

Antigamente [...] o tênis era considerado um tênis de elite, um esporte de classe alta. Hoje ficou um pouco mais popularizado, graças ao nosso companheiro Guga, né? O Guga que trouxe um pouco mais de popularização pro tênis, como hoje está fazendo a Bia Haddad. Através de projetos. Hoje a maioria das academias de Belo Horizonte, quase todas tem o nome da escolinha do Guga lá dentro. São poucas que não tem. A maioria tem a escolinha do Guga, leva o nome do Guga (T3 Monfils entrevista concedida à pesquisadora em 12/12/2023).

Ainda falando sobre a questão da acessibilidade de negros aos esportes de elite, agora discorrendo sobre uma outra modalidade esportiva, o surfe, assim se posiciona Rubio:

Na história do surfe moderno foram poucos os atletas negros que conseguiram ocupar um lugar de destaque nas competições, fato que nos leva a pensar sobre questões de acessibilidade, oportunidade e investimento para a população afrodescendente cuja qual carrega na pele a herança de processos históricos marcados por exploração, extermínio e segregação (Rúbio, 2023, p.196-197).

Ao falar sobre sua escolha pelo esporte do tênis, o entrevistado T1 Ashe faz uma relação da dança com o tênis. Esta questão foi trabalhada por Bourdieu (1983) em sua obra *Coisas Ditas*, no capítulo: Programa para uma sociologia do esporte. O autor explana que o esporte é como a dança, um dos terrenos onde se é colocado a acuidade máxima dos problemas entre teoria e prática, e entre a linguagem e o corpo (Bourdieu, 1983).

Eu atualmente faço faculdade de dança. Eu vim da dança de rua, depois eu comecei na dança de salão e, nesse meio tempo, eu tava querendo dar uma melhorada e eu entrei na faculdade. Entrou a pandemia, eu me vi perdido, porque eu não tinha como, inclusive a dança de salão eu não tinha contato, né? Eu não podia fazer nada. E aí eu também não fazia nenhum esporte, porque eu tinha medo de machucar, porque eu trabalhava com dança e aí eu acabei conhecendo o tênis nesse meio do caminho, que era um esporte que eu podia praticar e que eu não ia machucar e, possivelmente se a pandemia passasse e tudo voltasse ao normal, eu

poderia voltar a trabalhar com a dança. Só que aí eu não larguei o tênis. (T1 Ashe entrevista concedida à pesquisadora em 30/11/2023).

É impossível não perceber, nos discursos dos entrevistados, pessoas negras praticantes do tênis, que nas suas escolhas havia engendrado o gosto pelo esporte distintivo. Conforme explicado pelo entrevistado T9 Mmoh, o “tênis é um esporte muito diferenciado, prazeroso e viciante por ser muito difícil, e eu gosto de jogar. Diferença do tênis entre outros esportes, por ele ser muito elitizado e disciplinado.”

São traços do *habitus* de percepção e apreciação, segundo a teoria bourdieusiana, do gosto da classe dominante por esportes com formas mais distintivas e pelos ambientes onde são praticados, os parceiros escolhidos para a prática do esporte e outros atributos inerentes aos esportes de elite.

Todos os traços percebidos e apreciados pelo gosto dominante encontram-se reunidos por esportes, tais como o golfe, tênis, iatismo, equitação (ou jumping), esqui (sobretudo, em suas formas distintivas, como o esqui de fundo), esgrima: praticados em espaços reservados e separados (clubes privados), em horário determinado pelo praticante, sozinho ou com parceiros escolhidos (ou seja, outros tantos traços opostos às disciplinas coletivas, aos ritmos obrigatórios e aos esforços impostos dos esportes coletivos) (Bourdieu, 2008, p.204).

Para o entrevistado T5 Shelton, o tênis não é uma opção de manifestação de gosto por um esporte acessível às classes menos abastadas. Esse acesso, segundo ele, é negado pelos obstáculos econômicos apresentados pelos valores distintivos presentes nessa modalidade esportiva.

Ele não é acessível. Primeiro que se a pessoa tiver uma estrutura familiar privilegiada ela consegue praticar, tem que pagar a quadra, ao contrário do esporte do futebol, por exemplo, que você não precisa pagar a quadra pra jogar. Ser sócio de um clube ou alugar uma quadra uma hora, que é caro, você precisa dividir essa conta com alguém e só mais uma pessoa, ou só um grupo pequeno, que é caro também o aluguel e os equipamentos não são baratos. Os horários disponíveis para que você jogue também são restritos. Então por uma série de motivos não é um esporte acessível. É um esporte que tem muitas coisas que impedem a população geral praticar e joga quem tem essa disponibilidade, essa estrutura ou quem realmente gosta muito, se envolve muito com projeto social e vai ali aprendendo, mas acessível, de forma alguma. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

No campo esportivo, segundo Bourdieu (2008), há uma estreita relação entre os produtos oferecidos pelo campo de produção de bens e serviços, e a expansão

do “campo dos gostos” socialmente produzidos, sendo esses gostos responsáveis pela formação dos estilos de vida, conforme já foi discutido anteriormente.

Como sublinha Alves (2008), a partir da análise da teoria bourdieusiana, é preciso desmistificar o senso comum de que “gosto não se discute”. Para ele, segundo Bourdieu o gosto possui duas funções: classificar e distinguir.

O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, então, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo-os todavia de todos aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis. O gosto, dirá Bourdieu, é a aversão, é a intolerância às preferências dos outros (Alves, 2008).

O tênis é um esporte elitizado que, além de carregar um valor simbólico de distinção, possui um valor agregado à finalidade almejada por sua prática. Ao fazer uma escolha por uma modalidade esportiva, a pessoa escolhe segundo seus gostos, havendo assim uma identificação de bens e serviços que estão adequados à sua posição em um campo, e são essas escolhas que levam a uma identificação distintiva na sociedade (Bourdieu, 2008).

O tênis é um exemplo de esporte aristocrático que permanece pouco democrático, seja pelo valor dos materiais e equipamentos para sua prática, ou até mesmo em razão da padronização dos corpos pela modelagem das roupas esportivas. Serena Williams além de quebrar recordes rompe os padrões aceitos como adequados à modalidade e durante sua carreira suas vitórias não foram apenas contra a adversária do outro lado da rede. Sua negritude, cor e corporalidade, em quadra foi uma afronta ao status quo definidor da racialização presente na modalidade. (Rubio, 2023, p. 121).

Para o entrevistado T10 Brown, existe outra razão para a presença de pessoas de pele negra no contexto do tênis. Para ele, o esporte não é elitizado, tampouco popular, e as pessoas que optam pelo tênis como uma prática esportiva o fazem porque isso está relacionado com o seu estilo de vida.

Acredito que ele [o tênis] é exclusivo. Ele é para quem quer, não só para quem pode, por isso que eu não digo que é só elitizado e nem popular. Ele é para quem quer. Por que se eu falar que ele é elitizado eu vou estar me descartando. Se eu dizer que é popular, eu vou estar descartando a galera que já conhecia antes de mim. (T10 Brown entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

É importante ressaltar que nos dias atuais, por uma série de motivos, ainda persistem no tênis características elitizadas (Bellinazo, 2022):

Contudo, “o tênis ainda é considerado um esporte de elite, sendo restrito a uma pequena parcela da população brasileira de maior poder aquisitivo” (Cortela *et al.*, 2012, p. 217), de modo que, no Brasil configura-se longe da realidade de democratização desta prática esportiva. Segundo Cortela *et al.* (2012) tal afirmativa se evidencia principalmente pela falta de instalações públicas para a prática do esporte, associada à escassez de profissionais capacitados ao ensino do tênis, tendo como resposta a ausência do esporte no ambiente escolar e deixando assim de proporcionar o conhecimento e a prática do tênis para uma enorme parcela da população. Ainda, baixa taxa de prática do tênis entre os brasileiros pode estar relacionada às metodologias de ensino para o esporte, visto que, percebe-se que o uso de metodologias mais tradicionais não propicia a aprendizagem e participação simultânea do indivíduo na prática esportiva, reafirmando a importância do ensino do tênis de campo em projetos sociais e a adoção de metodologias de ensino adequadas para o ensino do esporte nestes espaços. (Cortela *et al.*, 2012).

Sendo o tênis configurado como um esporte diferenciado, o entrevistado T10 Brown, que está inserido neste campo esportivo há mais de 6 anos, por seu relato passa a impressão de ter absorvido o *habitus* deste esporte quando faz menções sobre sociabilidade, distinção, escolhas e estilo de vida. Segundo Bourdieu, os estilos de vida são produtos do *habitus*, que estabelece tanto um sistema de diferenças que são percebidas, como propriedades distintivas entre os agentes, os quais são dotados de esquemas de percepção e apreciação dos traços inerentes de um determinado gosto (Bourdieu, 2008).

O convívio social do tênis, ele é mais diferenciado, por isso que é mais taxado como elitizado, mas eu vejo assim como estilo de vida, Então é ele mais elitizado por se é... mais ponderado, ele ser mais direcionado num estilo de vida, é o que eu acredito. Eu falo isso sendo negro né? Porque muitas pessoas querem ter, só que precisa de uma aceitação, é aonde eu me coloco tanto como acusador como vítima ao mesmo tempo. Que é...eu não posso querer um contexto social, um convívio social com determinado grupo de pessoas, se eu não estiver disposto a aprender com essas pessoas. Eu não consigo ter acesso a isso, é carregando culturas e estilos de vidas que eu tive passados. Então é assim, eu tenho que me abrir para uma determinada forma de viver, um estilo de vida novo. Entendendo que o esporte que eu tô...que estou sendo inserido ele é diferente dos outros. Por que você faz uma comparação bem rápida, futebol e tênis. Futebol é resenha, é gritaria, é mais contato físico. Já o tênis não, ele é mais educativo, ele é mais centrado, mais silencioso, e são estilos diferentes. E aí vai por escolhas, essa parte é por escolhas (T10 Brown entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

Nesse contexto, Bourdieu (1983) discorre sobre os lucros de distinção que as práticas distintas, vinculadas aos esportes "chiques" como o tênis, o golfe, esqui, equitação e outros, proporcionam aos seus praticantes. O autor cita o futebol que antes era uma prática reservada às elites, mas, com o passar do tempo, se tornou "vulgar" devido ao processo de divulgação.

No caso do futebol, nas décadas finais do século XIX e na primeira do século XX, quando se considera que foi criado, este esporte foi marcado pelo elitismo e racismo, uma vez que pessoas pobres, pretas e mulatas eram excluídas. Classe social e raça eram, portanto, os demarcadores segregacionistas no campo esportivo do futebol (Mascarenhas, 2012).

Com efeito, o começo do futebol guardava algumas clivagens que Salathiel Campos não aprovava: "o nosso futebol nasceu 'acadêmico', fidalgo e no esplendor de europeus". Por ser um "esporte ainda pouco conhecido e tido como dispendioso, apenas podiam praticá-lo os que dispusessem de meios para isso"; "só jogavam futebol rapazes das escolas superiores, filhos de famílias abastadas, rapazes do nosso alto comércio". No entanto, logo "o futebol cresceu" e começou a surgir um espaço popular de prática do esporte bretão, batizado de "várzea" (Rubio, 2023, p. 301).

A entrevistada T7 Williams, uma tenista profissional com 20 anos de prática do esporte em ambientes privados, considera que o tênis é um esporte de elite. Segundo seu relato, o esporte mantém em sua estrutura as marcas de um elitismo excludente.

A meu ver é um esporte de elite devido a várias razões históricas e culturais. Acesso a instalações: Tradicionalmente, o tênis exigia acesso a instalações como quadras de tênis bem cuidadas, o que nem sempre estava disponível em todas as comunidades. Isso limitava o acesso ao esporte para aqueles que tinham recursos financeiros para pagar por essas instalações. Equipamento: o equipamento necessário para jogar tênis, como raquetes e bolas de alta qualidade, pode ser caro, o que pode excluir aqueles com menos recursos financeiros. Associações e clubes: o tênis muitas vezes está associado a clubes e associações exclusivas, onde as taxas de associação podem ser altas, tornando-o menos acessível para todos. Percepção Cultural: O tênis tem uma longa história de associação com figuras proeminentes e celebridades, contribuindo para a percepção de que é um esporte elitista (T7 Williams, entrevista concedida à pesquisadora em 28/03/2024).

Nas últimas décadas, apesar do fenômeno de diversificação social dos adeptos dessa modalidade esportiva, ainda persistem no tênis valores cristalizados de tradição de esporte de elite; e esses fatores dissimulados por si só levam a

processos de exclusão de indivíduos provenientes de segmentos sociais economicamente desfavorecidos. Bourdieu (2008) elenca o esqui, tênis, golfe, caça, equitação e esqui aquático como sendo esportes pertencentes às pessoas que possuem um gosto de luxo, que colecionam consumos mais dispendiosos, cultural e economicamente falando. É notório que essas pessoas buscam esportes de mais prestígio na sociedade (Bourdieu, 2008).

O entrevistado T5 Shelton ressalta que a sua escolha pelo tênis vai além da prática de uma atividade física, sendo influenciada por valores como os pertinentes aos processos e interações sociais que se estabelecem no espaço social desse esporte.

Eu sempre procuro no esporte um vínculo social, desenvolver assim a... não somente a questão física. Claro que a atividade física é o principal no esporte para manter o corpo e a mente saudável, mas também ali você trabalha... você convive com novos grupos sociais, você conhece novas pessoas, você também vai percebendo novas interações, isso é importante pra mim. Então, eu diria que é a prática de uma atividade física e desenvolver relacionamentos. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Ainda, para Bourdieu (1983), o *habitus* organiza os hábitos dos indivíduos nos “campos”, espaços onde se manifestam diversas interações sociais, pois, é o *habitus* que traduz os estilos de vida. Ao discorrer sobre os fenômenos esportivos resultantes dos movimentos de oferta e procura, Bourdieu sublinha que:

[...] diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. (Bourdieu, 1983, p. 137).

O entrevistado T4 Tiafoe apresenta, em seu discurso, esse *habitus* manifesto pelo gosto que ele tem pelo esporte, que se tornou para ele um estilo de vida. Ainda que não tenha tido uma aprendizagem precoce do esporte, ele menciona sua dedicação nas quadras para ser um bom jogador amador de tênis.

Sim, na verdade, o que eu falo pra mim mesmo é que eu quero ser o melhor jogador que eu conseguir ser. Eu nunca vou ser o Djokovic, o Federer, o Nadal. Essas pessoas são treinadas desde crianças, elas vivem pra isso, eu não vivo pra isso. Mas eu quero ser o melhor jogador que eu consigo ser, e eu sou uma pessoa competitiva. Eu quero competir, eu quero jogar, eu

gosto dessa sensação de tá competindo, dessa ansiedade de tá ali jogando. Eu gosto de estar ali. Mas eu não tenho pretensão de ser um grande jogador profissional, eu tenho pretensão de competir, de melhorar. (T4 Tiafoe, entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Pelo perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa apresentado anteriormente no tópico dedicado à metodologia desta pesquisa, é possível perceber que a maioria dos entrevistados teve contato com o tênis a partir de uma escolha marcada por uma aprendizagem tardia. Bourdieu (2008) argumenta que o sentido das práticas esportivas para os praticantes está relacionado a alguns fatores como a frequência, antiguidade, condições e o lugar onde se dá a prática. Com base nesses fatores distintivos, o autor questiona se é possível colocar na mesma classe social pessoas que tiveram uma aprendizagem precoce, ainda na tenra idade, com esportes como tênis, e as demais que já tiveram o acesso ao esporte já na idade adulta (Bourdieu, 2008).

O entrevistado T5 Shelton, professor em escola pública, enfatiza a importância de políticas públicas, bem como o impacto do acesso aos esportes ainda na infância, com vistas a minimizar as desigualdades de oportunidades nas classes sociais no campo esportivo.

A criança, quando tá jogando tênis na escola, ela tá ali descobrindo uma forma de atividade física, na maior parte dos casos, mas em alguns casos, ela tá descobrindo também uma forma de querer ser atleta profissional. A criança também... a cabeça, os objetivos, o organismo, o físico dela ainda tá na época perfeita ali de desvendar um talento, desvendar um ídolo, desvendar um... descobrir ali um novo talento para o país. Aí muda tudo. Porque isso envolve a família, envolve a imprensa. Quando você começa a dar oportunidade para as crianças jogarem na escola, toda a sociedade se envolve com o esporte, porque é muito diferente quando alguém, depois de velho, vai ali praticar o lazer. Que ali a pessoa já experimentou muita coisa na vida, ela não tá atrás mais de envolvimento direto com o esporte, ela quer um envolvimento indireto, ela quer ascensão social e uma competição moderada nos seus finais de semana. Ela não tá vivendo daquilo. Como as crianças podem viver do tênis se começarem a praticar mais cedo. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 12/04/2024).

A distinção persiste através dos dissimuladores de direito de acesso, como a aprendizagem precoce. Mesmo que alguns esportes de elite se democratizem, as pessoas das classes populares, ao acessá-los, precisam se esforçar em quadra para minimizar os impactos do acesso tardio. Há, ainda, aqueles que acessam os esportes de elite devido aos demarcadores sociais de desigualdades, como relatado pelo entrevistado T3 Mmoh:

Eu comecei, estava com 6 anos de idade. Foi no Clube Albert Scharlé, catando bolinha, era uma forma de eu sair de casa. Minha mãe não deixava a gente sair, eu falei assim: “poxa, mas eu não posso sair de casa pra conhecer pessoas”. Aí o cara chamou a gente, e o menino perguntou: “você não deixa ele trabalhar no clube com a gente, como boleiro, não? Foi uma experiência. Aí eu fiquei [trabalhando] lá (T3 Mmoh entrevista concedida à pesquisadora em 12/12/2023).

Ainda no contexto da diferenciação de classes por fatores distintivos como aprendizagem precoce, tradição familiar, conduta adequada, sociabilidade de praxe e da relação do quanto esses fatores podem retardar o acesso das classes populares aos esportes de elite, o entrevistado T4 Tiafoe discorre sobre a dificuldade que se tem quando se depara com jogadores que por um ingresso mais precoce no esporte acaba despontando nas quadras durante o jogo.

Pois é, mas você vê as pessoas jogando em um nível bem mais alto que o seu que você fica... não tem sentido eu entrar pra jogar com essas pessoas, porque eu vou mais atrapalhar do que jogar. Então, eu acho que uma coisa que falta muito, que se quiser introduzir realmente as pessoas ao tênis, é ter espaços abertos com pessoas jogando em um nível acessível. Não adianta você colocar dois profissionais jogando em uma quadra aberta, ninguém vai entrar. (T4 entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Retomando o *habitus* e o estilo de vida das pessoas negras no tênis, o entrevistado T10 comenta que ao acessar este esporte de elite, é preciso estar aberto para novas culturas e na visão dele novos estilos de vida. “Você acaba sendo apresentado a outro estilo de vida. Você acaba tendo que deixar algumas partes da sua cultura, para acrescentar outras. É mais aceitação.” (T10 Brown entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

Contudo, Bourdieu (2008) ressalta que no caso específico do tênis, os membros dos clubes privados, que praticam essa modalidade esportiva por longa data, e que se encontram vinculados ao elitismo que permeia o esporte, opõem-se em todos os aspectos aos novos praticantes oriundos de clubes municipais ou de férias. Torna-se necessário ressaltar que o entrevistado T10 Brown é praticante do tênis em uma escola particular onde atua como professor, ou seja, ainda que em contato com a elite, a relação deles com os demais é de ensino-aprendizagem (Bourdieu, 2008).

Você vai jogar tênis, você vê gente da classe A, da classe B, da classe C, da classe D. Eles vão convivendo ali de alguma maneira, claro que tem as segregações e as barreiras, mas ao menos você convive com as pessoas e começa a refletir, como elas chegaram até ali, por que elas praticam, a quanto tempo elas praticam, em que condições elas conseguem praticar, o que um outro faz pra praticar. Chega alguém de carro importado de 300 mil e outro de moto pra trabalhar, ou pra dar aula, ou para praticar. Então, por aí você vê como que o esporte é diferente, de gente que chega de carro importado de 300 mil e um que pega ônibus pra fazer aula. E ali isso tudo vai te levando a refletir e, é claro que, quando as pessoas são muito ricas, nem todas elas são esnobes, tem nada... algumas convivem ali, fazem um social, mas no fundo, no fundo, a gente vê a diferença. Vê a segregação, vê a questão social que o esporte está atrelado, o tênis não é um esporte assim... o tênis é mais do que um esporte, ele é uma página social, ele é um livro social. Ele pode ser interpretado com muita... ele representa com muita realidade, as segregações sociais, as diferenças sociais, o acesso, o não acesso, o privilégio branco, o racismo. Ele é... além de outros esportes também terem isso, mas o tênis é muito mais escancarado, é muito explícito, é muito fácil de ver isso tudo quando você começa a frequentar o meio do tênis (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 12/04/2024).

A visão do entrevistado T5 Shelton, que possui um nível de escolaridade elevado, com mestrado completo, contrasta com a percepção do entrevistado T10 Brown, cujo nível de escolaridade é ensino médio completo. Enquanto T5 Shelton descreve os valores distintivos do tênis, do gosto e estilo de vida das classes dominantes, para o entrevistado T10 Brown, existe uma outra razão para pouca presença de pessoas negras no tênis, para ele o esporte não é nem elitizado e nem popular, e sim “exclusivo”.

Nem um, nem outro. Acredito que ele é exclusivo. Ele é para quem quer, não só para quem pode, por isso que eu não digo que é só elitizado e nem popular. Ele é para quem quer. Por que se eu falar que ele é elitizado eu vou estar me descartando. Se eu dizer que é popular, eu vou estar descartando a galera que já conhecia antes de mim. (T10 Brown entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

Sob o ponto de vista do entrevistado T10 Brown quanto ao tênis ser um esporte “exclusivo”, cabe ressaltar que segundo o que consta no dicionário de português *Houaiss*, a palavra “exclusivo” é um adjetivo que qualifica algo que elimina ou que tem poder para excluir. Ao ser perguntado sobre a existência de barreiras raciais para o ingresso de pessoas negras no contexto do tênis, o entrevistado T10 Brown apresenta outra perspectiva do tênis, como sendo um esporte popular.

O tênis é popular e acessível. Mas manter ele é difícil, por causa dessa barreira econômica mesmo, não por causa da exclusividade da cor, mas por

causa da dificuldade financeira do próprio país, socioeconômica. Ele tem todo um contexto financeiro, econômico e social (T10 entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

Ao discorrer sobre a acessibilidade ao esporte do tênis, o discurso do mesmo entrevistado supracitado corrobora o relato de outros sujeitos da pesquisa, quando salienta as barreiras econômicas que se manifestam para impedir o acesso de pessoas de grupos vulnerabilizados ao esporte do tênis.

Como visto, para Bourdieu (2008) tudo passa pelo *habitus*, ou seja, pela percepção e apreensão dos valores distintivos que determinada modalidade esportiva proporciona para as classes dominantes. Tais valores se manifestam em um estilo de vida carregados de traços de raridade e exclusividade. Ainda que essas classes estejam presentes no mesmo espaço, tempo e frequência de prática do esporte, na visão do autor não há uma homogeneidade social dos praticantes.

Para fugir das diversões comuns, basta que os privilegiados se deixem guiar, ainda neste aspecto, pelo horror dos ajuntamentos vulgares que os impele a procurar sempre – alhures, mais acima, mais longe, a contratempo e a contralugar – a exclusividade ou a primazia das novas experiências e dos espaços virgens, assim como pelo senso da legitimidade das práticas que depende, é claro, de seu valor distribucional, mas também do grau em que elas se prestam à estetização, seja na prática ou no discurso. (Bourdieu, 2008, p.204).

Mediante os fatos expostos de análise, articulados com o referencial teórico sobre *habitus*, gosto e estilo de vida das pessoas negras praticantes de tênis, é importante reiterar que, segundo Bourdieu (2003), o campo esportivo é espaço onde se desenvolvem lutas simbólicas, entre dominantes e dominados, respectivamente pela manutenção do status quo e pelas mudanças nas posições. É a distribuição desigual do capital que gera os processos de hierarquização das posições no campo esportivo. Neste âmbito, uma das determinantes de preferências e consequentemente da elaboração do *habitus* esportivo, tem a ver com relação que o sujeito estabelece entre o corpo e à prática esportiva (Bourdieu, 2003)

O campo de práticas desportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima da atividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa, etc.; e este campo insere-se ele próprio no campo das lutas em torno da definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que, além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de

bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e em particular o clero, os médicos e em particular os higienistas, os educadores no sentido mais amplo - conselheiros conjugais, dietistas, etc -, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. (Bourdieu, 2003, p. 189).

Para Nepomuceno (2021), o espaço social do campo esportivo socializa e fomenta o surgimento de preferências, gostos e estilos de vida dos seus praticantes. Segundo o autor, é o que Bourdieu denomina de princípio das transformações: isso ocorre quando, no interior das práticas esportivas, se dá a interação entre a oferta e a procura, bem como entre o campo esportivo e o *habitus* correspondente.

### 7.3 Capital econômico e sua relação com os processos de distinção nos esportes de elite

A base de sustentação para a discussão sobre o do capital econômico e sua relação com os processos de distinção no esporte do tênis, será o pensamento bourdieusiano sobre os fatores que interditam o ingresso das classes populares e os indivíduos em ascensão das classes médias ou superiores aos esportes de elite. Esses fatores, como discutido no tópico anterior, são os obstáculos econômicos e os dissimuladores de direito de entrada, ou seja, a tradição familiar, a aprendizagem precoce, a atitude relacionada à conduta digna e maneiras corretas, bem como o fator das técnicas de sociabilidade de praxe (Bourdieu, 2008).

O entrevistado T4 Tiafoe discorre sobre alguns desses fatores impeditivos e também distintivos que bloqueiam ou dificultam a permanência de pessoas de classes populares no campo esportivo do tênis.

Eu acho que existem, existe sim uma barreira racial. Eu acho que ela manifesta muito no sentido de o quão incentivado você é a treinar. Eu acho que se você pegar uma criança negra e uma criança branca e treinar do mesmo jeito com o mesmo nível de intensidade elas vão ter resultados parecidos, claro que tem uma questão de talento ali dentro, eu excludo isso, porém, socialmente, o que acontece é que a pessoa negra ela é menos incentivada. Tem menos gente falando “você pode ser um profissional”, você pode jogar em alto nível. Enquanto a pessoa branca, dando um exemplo aqui, eu tenho uma colega que ela começou a jogar, ela era mais nova, ela era branquinha, branquinha e ela falava uma coisa: “imediatamente quando eu comecei a jogar, meus pais já queriam pagar raquete, eles já queriam investir em professor particular, mas eu já queria não sei o quê”. E é uma situação muito diferente da pessoa negra, ela tá lá e ela fala “ah, mas eu já tô jogando”. Você não vai investir nisso, você vai investir em outra coisa (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

O depoimento do entrevistado T4 Tiafoe acerca das diferenças estabelecidas entre uma criança branca e uma negra no contexto do tênis instiga reflexões sobre as desigualdades raciais e econômicas que se estabelecem, nos variados campos de poder, pelas violências simbólicas. Estas são manifestas pela dominação exercida de maneira indireta a partir de um conjunto de ações das lutas entre dominantes e dominados, pela manutenção da estrutura, e ou sua transformação, no caso específico da pesquisa do campo esportivo (Bourdieu, 1997).

Segundo Lélia Gonzalez (2020), como "herança" da colonização portuguesa no Brasil, há um sistema rigoroso de hierarquias sociais, e nesse processo de hierarquização foi constituído um cenário de estratificação social marcado por uma ideologia de supremacia racial branca, a qual estabelece processos de desigualdades socioeconômicas entre brancos e negros.

O discurso do entrevistado T5 Shelton chama a atenção para o papel do Estado, através do fomento de políticas públicas, para reduzir as distâncias, mudar as posições de preferências e distinções sustentadas pelos processos de iniquidade socioeconômico e racial (Bourdieu, 2008)

É importante ter políticas pra pessoas negras no tênis, assim como é importante políticas pra pessoas negras em outras modalidades, como natação, que também é um esporte complicado no Brasil, pela questão do acesso. Então o governo tinha de criar, colocar esses esportes especializados, onde a gente percebe majoritariamente um público majoritariamente branco, tem de criar uma política no sentido de favorecer o acesso a praticantes, a crianças gostarem. Incentivar... implementar o esporte em escolas, que eu acho que é o fundamental, que é a diferença entre um esporte praticado no país e o não praticado, é o praticado na escola. Então, pra falar especificamente do tênis, às vezes o tênis ficaria muito pouco representativo, agora se coloca ele dentro de uma política pública com natação, tênis, alguns esportes que são negligenciados pela dificuldade de acesso, tem todo um programa maior de acesso escolar, incentivo a novos praticantes, construção de quadras públicas, dinheiro do Ministério do Esporte, colocar novos ídolos, investir em novos atletas profissionais para apontar novos ídolos. O Brasil tende a ganhar, porque isso vai gerar uma cadeia de eventos, que têm empregos, preparação física, comoção e é mais um nicho econômico e social pra se explorar. E pra se combater o racismo se for estruturado com essa perspectiva (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 12/04/2024).

O discurso do entrevistado T2 Tsonga evidencia o quanto é desigual o acesso de pessoas negras ao tênis quando se observa a interferência direta do capital econômico. Quando o direito de acesso é negado pelos obstáculos econômicos, os

indivíduos se sujeitam a outras formas para se inserirem nos espaços dos esportes de elite:

Não é que ele [o tênis], era bem elitizado. Ou você tinha realmente muito dinheiro, ou você fazia pra entrar... Se você não tinha dinheiro, tinha que entrar como eu entrava: catando bolinhas, tá! (T2 Tsonga entrevista concedida à pesquisadora em 04/12/2023).

Para Bourdieu (2008), o capital econômico - conjunto de bens econômicos como dinheiro, patrimônio, bens materiais - reproduz as posições sociais dentro de um campo, como também é um dos demarcadores de distinção. Segundo o autor, embora alguns esportes se democratizem, os praticantes privilegiados das classes mais abastadas organizam-se no interior do campo, conseguindo se manter à distância das classes populares.

Deste modo, no caso do tênis, os membros dos clubes privados, praticantes de longa data que estão mais do que nunca vinculados ao rigor do traje (camisa Lacoste, short – ou saia – de cor branca, calçado especial) e a tudo o que condiz com ele, opõem-se em todos os aspectos aos novos praticantes dos clubes municipais ou de clubes de férias que fazem ver que o ritual do vestuário não é um atributo superficial da prática legítima: o tênis que pratica com bermuda e T-shirt, com agasalho ou, até mesmo, com sunga e Adidas é realmente um outro tênis, tanto na maneira de praticá-lo quanto nas satisfações que ele proporciona. (Bourdieu, 2008, p.200).

A entrevistada T7 Williams ressalta que apesar do tênis demonstrar uma aparência de esporte inclusivo, os fatores econômicos se manifestam como entraves para o direito de acesso e permanência de pessoas negras como praticantes de um esporte de elite como o tênis.

Ao meu ver é um esporte de elite devido a várias razões históricas e culturais. Acesso às instalações. Tradicionalmente, o tênis exigia acesso a instalações como quadras de tênis bem cuidadas, o que nem sempre estava disponível em todas as comunidades. Isso limitava o acesso ao esporte para aqueles que não tinham recursos financeiros para pagar por essas instalações. Equipamento: o equipamento necessário para jogar tênis, como raquetes e bolas de alta qualidade, pode ser caro, o que pode excluir aqueles com menos recursos financeiros. Associações e clubes: o tênis muitas vezes está associado a clubes e associações exclusivas, onde as taxas de associação podem ser altas, tornando menos acessível para todos. Percepção cultural: o tênis tem uma longa história de associação com figuras proeminentes e celebridades, contribuindo para a percepção de que é um esporte elitista. (T7 Williams, entrevista concedida à pesquisadora em 28/03/2024).

Pelo relato de T7 Williams é possível perceber o quanto os obstáculos econômicos, bem como atributos culturais atribuídos ao esporte do tênis, são indicadores seguros, como discute Bourdieu (2008), interditando o acesso de classes populares e indivíduos em ascensão das classes médias aos esportes de elite (Bourdieu, 2008). Ainda segundo o autor, a consciência das variações das práticas esportivas no que diz respeito à sua distribuição no espaço social dos esportes na perspectiva diferenciada das classes, se refere também às variações das percepções e apreciações, ou seja, ao *habitus* dos praticantes, no que concerne às vantagens imediatas e diferidas, que são proporcionadas a partir de fatores como as variações dos custos econômicos, culturais, dispêndio físico e outros investimentos.

[...] a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e portanto, mais distintivos (Bourdieu, 1983, p.85).

Em outra obra, Bourdieu (1996) trata da importância do *habitus* como princípio gerador de práticas distintas e distintivas, onde o mesmo comportamento ou o mesmo bem, a partir da percepção e apreensão dos indivíduos, pode ter um valor distinto para um sujeito, para outro um valor ostentatório, e ainda para um terceiro sujeito, o mesmo bem pode ter um valor vulgar.

Tudo se passa como se a probabilidade de praticar os diferentes esportes dependesse, nos limites definidos pelo capital econômico (e cultural), assim como pelo tempo livre, da percepção e apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do *habitus* e, mais precisamente da relação com o corpo que é uma das dimensões (Bourdieu, 2008, p.200).

Quanto ao valor que o capital econômico tem para o acesso de pessoas negras no contexto do tênis, a entrevistada T8 Gauff apresenta uma visão um pouco mais otimista ao falar sobre o tênis como um esporte de elite. Entretanto, é importante ressaltar que a renda mensal individual desta entrevistada (acima de doze salários mínimos) denota um significativo capital econômico quando se considera a renda média da maioria dos cidadãos brasileiros.

Nos últimos tempos, percebo [o tênis] de certa forma mais inclusivo. Mas culturalmente, é notório que ainda existem barreiras para que o esporte se torne popular. Vemos isso até mesmo na compra dos itens necessários para jogar, como uma raquete por exemplo. Para se ter um bom equipamento, você irá investir pelo menos R\$1.200,00 (T8 Gauff entrevista concedida à pesquisadora em 28/03/2024).

Ao falar das barreiras culturais no esporte do tênis, a entrevistada T8 Gauff corrobora a teoria de Pierre Bourdieu sobre a existência de outros elementos para além do capital econômico, como a prática precoce, fazendo com que esportes como o tênis sejam carregados de aspectos distintivos, como se vê na citação a seguir.

[...] detentores de meios materiais e culturais (associados à prática precoce) que lhes dão acesso às práticas mais prestigiosas e lhes permitem fugir dos ajuntamentos de massa, realiza-se nos passeios de barco, banhos em mar alto, esqui de fundo ou pesca submarina; por sua vez, os empresários esperam ganhar a mesma distinção pela prática do golfe, com seu rótulo aristocrático, seu léxico pedido de empréstimo ao inglês e seus amplos espaços exclusivos, sem falar dos lucros extrínsecos, tais como o acúmulo de capital social, que ela garante como suprimento (Bourdieu, 2008, p.207).

O ponto de vista do entrevistado T5 Shelton vai ao encontro do pensamento bourdieusiano no que diz respeito aos obstáculos econômicos, sendo estes considerados insuficientes para explicar a desigualdade quanto à distribuição das práticas esportivas entre as classes. O entrevistado discorre sobre a distinção no tênis, mencionando que os jogadores jogam de maneira tão elitista e diferenciada, que acabam esquecendo que se trata de um jogo esportivo.

Se o negro é de classe média alta e tá ali no convívio recreativo, digamos assim no tênis, eu acho que essas barreiras existem, mas elas são mais amenas, elas são mais maquiadas, suavizadas. Porque ali ele vai tá dentro do seu ciclo de amizade, então... do clube, então ele ali o que importa é a condição financeira e social, essas barreiras aí vão sendo amenizadas e fica todo mundo ali com base no... tá ali todo mundo ali num clube de pessoas conhecidas. Isso que faz o poder do capital que acaba silenciando determinados espaços de racismo. Se é um promotor, se é uma juíza, se tá ali no meio ele acaba passando como mais um elemento do meio, jogando tênis de maneira recreativa. Agora, o negro que tá ali que vai querer se envolver diretamente com o tênis profissional, ou semiprofissional, ou mais próximo do profissional, onde ele vai precisar de ocupar espaço, conquistar campeonatos, buscar patrocinadores, buscar... comprar o seu próprio material, viajar pros torneios, aí eu acho que ele vai enfrentar barreiras grandes. Porque ali é onde as portas se fecham. O investimento se fecha, ninguém escuta, ele não tem talento, ele não é pra aquilo, porque ele tá ali fora de um ambiente que foi... um ambiente que não foi criado exatamente pra ele ficar. É onde ele vai ter que brigar muito pra estar, onde ele vai ter

que provar muito pra estar ali... (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 12/04/2024).

Nessa perspectiva, segundo Bourdieu (2008), nos tempos passados em que a prática de algumas modalidades esportivas estava reservada à uma parcela seleta da sociedade, a maneira de jogar era tão diferenciada que as pessoas se esqueciam que estavam jogando. O jogo, para elas, representava apenas uma forma de afirmar tanto os aspectos distintivos do esporte praticado, como também a raridade dos praticantes.

[O tênis] foi uma coisa da minha vida. Me perguntaram “ah, você pratica algum esporte?”, o cara me olhou meio torto. “Você joga tênis?”, “é eu jogo tênis”. Claramente ele não estava esperando isso. Ele estava esperando que eu ia falar algum esporte mais considerado ali de uma classe social mais baixa. Então, tem essa expectativa, quando você é negro, você fala “eu jogo tênis”, as pessoas, principalmente se é uma pessoa que tem uma tendência mais a ser racista, ela tende a olhar pra você [com espanto, e diz]: pô... (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

No relato acima, o entrevistado T4 Tiafoe confirma o estranhamento que se estabelece pela presença de pessoas de classes sociais populares em espaços esportivos marcados por diferenças econômicas e sociais.

Como sublinha Bento (2022) em sua obra o Pacto da Branquitude, quando pessoas negras mudam de posições nos campos de poder, invertendo a lógica dos ocupantes dos lugares privativos, existe um “medo da perda de privilégios”.

Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. Os negros estão fora do lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes... (Bento, 2022, p. 53).

Para Bourdieu (2008), é um desafio compreender como as diferentes práticas institucionalizadas de esportes conseguem agrupar em um mesmo espaço, a partir dos usos sociais, públicos aristocráticos e oriundos de classes populares - ainda que esses esportes assumam, para esses públicos, sentidos e funções distintas em relação a mesma prática esportiva.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto

é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função [...]. (Bourdieu, 1983, p. 139).

Quanto ao fato de o capital econômico ter um papel decisivo nos processos de escolha de uma prática esportiva, e de como ele estabelece os marcadores de distinção entre os esportes de elite e os esportes massificados, é relevante retomar o Bourdieu (2008) explica sobre o gosto esportivo das classes sociais mais abastadas pelos esportes individuais, dentre os quais figura o tênis.

Pelo fato de que os diferentes princípios de divisão pelos quais a classe dominante adquire sua estrutura nunca são perfeitamente independentes, tais como as oposições entre os mais afortunados de capital econômico e os mais bem providos de capital cultural, entre os herdeiros e os novos-ricos, os velhos e os jovens (ou juniores), as práticas das diferentes frações tendem a distribuir-se, desde as frações dominantes até as frações dominadas, segundo uma série de oposições que, por sua vez, são parcialmente redutíveis umas às outras: oposição entre os esportes mais dispendiosos e os mais chiques - golfe, iatismo, equitação, tênis - ou as maneiras mais dispendiosas e as mais chiques de praticar esses esportes (clubes privados), por um lado, e, por outro, às esportes menos dispendiosos - passeio, caminhada, footing, cicloturismo, alpinismo, etc. - ou as maneiras menos dispendiosas de praticar os esportes chiques (por exemplo, em relação ao tênis, nos clubes municipais ou de férias (Bourdieu, 2008, p.206).

O entrevistado T4 Tiafoe, ao ser perguntado se o tênis é um esporte elitizado, trouxe uma descrição minuciosa do quanto os obstáculos econômicos são fatores impeditivos para que pessoas negras possam acessar o tênis.

Extremamente elitizado, eu acho que o tênis é um esporte muito elitizado, primeiro porque precisa de espaço, que, vamos supor que você tenha um apartamento, e os caras querem fazer lá uma quadra poliesportiva, a quadra poliesportiva vale pra mil coisas, já o tênis, você precisa de uma quadra para o tênis. Tem de ser específica pra isso. Raquete, que é uma coisa cara. Sapato específico, que é uma coisa cara. Se for uma quadra de saibro, ela precisa de constante manutenção ali dentro também. Então, é um esporte que, eu acho que historicamente ele sempre foi muito elitizado aqui no Brasil, principalmente. Tem muita gente que joga tênis e você ainda tem pessoas que têm um nível social maior enquanto elas estão jogando. Um esporte muito... ele exclui muita gente, e eu não acho que isso é só uma questão do que você precisa para jogar tênis. Eu acho que também entra muito na questão histórica. O Brasil, e vários países do mundo, as pessoas... assim tem muito esporte pra rico, que uma pessoa que é pobre nem considera jogar tênis. Eu tinha essa visão quando era mais novo. Como que eu vou jogar tênis? Eu não tenho dinheiro. (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Ao descrever as barreiras simbólicas enviesadas pela falta de capital econômico que se manifestam como fator impeditivo para o acesso de pessoas

negras no cenário do esporte do tênis, o entrevistado T5 Shelton evidencia sua percepção sobre como é o enfrentamento dessas barreiras.

[...] As barreiras que o negro enfrenta hoje, o tênis é mais uma que o negro é provado a enfrentar. Aí aqueles que conseguem alguma ascensão ainda participam desse ciclo, agora os tantos que não participam são os tantos que ficaram nas barreiras que os negros enfrentam na vida (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Bourdieu (2008) afirma que os traços distintivos nos esportes de elite como golfe, tênis, iatismo, equitação e outros, manifestam as diferenças entre as práticas esportivas e os praticantes. Segundo o autor, esses esportes são

[...] praticados em espaços reservados e separados (clubes privados), em horário determinado pelo praticante, sozinho ou com parceiros escolhidos (ou seja, outros tantos traços opostos às disciplinas coletivas, aos ritmos obrigatórios e os esforços impostos pelos esportes coletivos). (Bourdieu, 2008, p.204).

Outra questão levantada pelo entrevistado T4 Tiafoe, e que foi tratada por Bourdieu (2004), refere-se à hierarquia de campo evidenciada no jogo de poder entre dominantes e dominados. No campo, o dominante existe para dominar através de uma relação de força econômica e simbólica. O resultado do processo de dominação, através do jogo de posições, é a conservação das posições ocupadas, ou seja, o *status quo*.

Então, eu nunca me senti deslocado ali dentro. Até em situações em que eu tô jogando com pessoas ali que claramente o cara ganha. Sei lá 20 vezes mais do que eu. Eu nunca me senti deslocado por causa disso. E eu acho que isso veio muito da minha criação, meu pai é professor universitário. Ele sempre me deu muita oportunidade, eu estudei em colégios bons, eu sempre tive contatos com pessoas... ela pode até ganhar mais que eu, só que eu não me sinto deslocado ali dentro e eu tenho essa questão de ser muito competitivo e eu gosto de brincar, então eu acho que tenho esse relaxamento. Eu não fico intimidado, nem é muito difícil, ninguém... (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

Bourdieu (2008) classifica o capital econômico como sendo um poder social fundamental, capaz de colocar à distância a necessidade econômica. Especificamente no campo esportivo, as classes sociais estabelecem quais são os custos sociais e econômicos de cada esporte e, conseqüentemente, os lucros distintivos a serem auferidos de acordo com a distribuição e posições das práticas.

Ao discorrer sobre a representatividade negra do tênis, o entrevistado T4 Tiafoe acredita que os grandes ídolos negros internacionais desta modalidade esportiva, só se tornaram campeões do tênis porque possuíam capital econômico para investirem em tal feito.

Isso é muito legal de ouvir, mas um ponto que eu queria destacar, é que essas pessoas todas representam o negro no tênis só que eu não acho que elas representam uma pessoa de uma baixa classe social, não tem ninguém que eu conheça que a pessoa vira e fala “Eu vim de um lugar muito simples”. Todos vieram, e eu acho que o tênis é um esporte que ele força isso a um nível muito excessivo. Não tem como você ser um campeão, pelo menos eu nunca vi um exemplo disso. Você não vai ser um campeão de tênis, sem ser treinado desde pequeno pelos melhores técnicos, com os melhores equipamentos, nas melhores quadras, não tem como desassociar isso. Todos os campeões já eram ricos quando eles começaram a jogar (T4 Tiafoe entrevista concedida à pesquisadora em 14/12/2023).

O entrevistado T5 articula a aquisição desse poder social fundamental representado pelo capital econômico, com o acesso de pessoas negras no contexto do tênis. Em outras palavras, os obstáculos econômicos se estabelecem como barreiras de acesso e também como um mecanismo de manutenção da distinção dos esportes de elite.

Os negros que jogam nos clubes que eu vou são pessoas que ascenderam socialmente, por algum motivo aí, acadêmico, enfim. Então são negros e negras que ascenderam, têm um emprego que permite a elas uma condição financeira tranquila e com isso aí elas gozam dessa vida como uma pessoa branca que joga tênis, que paga seu instrumento, suas roupas, sua raquete. Não são pessoas assim, não são pessoas negras que estão ali de uma forma voluntariada, assim, de querer participar do esporte, de querer aprender mais. Não! São pessoas estabilizadas financeiramente que praticam esporte como atividade de lazer, uma competição saudável de final de semana. É isso (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Por fim, o teórico Bourdieu, ao tratar das posições vizinhas dentro de um determinado espaço, pondera que as probabilidades de se desenvolver um mesmo *habitus* são bem maiores entre os indivíduos em posições aproximadas, pois esses possuem a chance de produzir as mesmas práticas e representações.

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes. (Bourdieu, 1998, p.136).

Ao ponderar sobre o momento atual de diversificação social do tênis, o entrevistado T10 Brown apresenta alguns fatores importantes que, na sua visão, podem viabilizar o acesso de pessoas de classes sociais menos abastadas ao tênis, rompendo daí com as barreiras socioeconômicas.

Eu acredito que somente esse crescimento do tênis na parte social, nesse desenvolvimento de professores você que disse. É... tem ficado escasso, é o acesso de várias coisas, é entre...é. Tanto jogadores, como os próprios professores né. tem ficado escasso pelo problema econômico que a gente tem vivido, mas o contexto pessoal e social de cada um também influencia muito. Por isso, é tão importante essa parte social de busca né de incentivos em escolas, em universidades, é em meios onde não se lembra que existe o tênis, e é importante (T10 Brown entrevista concedida à pesquisadora em 06/05/2024).

Pelas informações colhidas nas entrevistas com pessoas negras praticantes do tênis, foi possível perceber o quanto os fatores como os obstáculos econômicos e os dissimuladores de direito de entrada (tradição, aprendizagem precoce, conduta, sociabilidade de praxe, etc.) são estruturantes para a manutenção das posições distanciadas entre os dominantes e os dominados no contexto dos esportes de elite.

Esses fatores também são uma fonte de reprodução da distinção que alcança o tênis. Seja como uma possibilidade de trabalho e/ou para desfrutar o lazer, o espaço social do esporte tênis ocorre em meio a lutas simbólicas de poder econômico, cultural, racial, corporal e outros, em especial quando é praticado por pessoas negras, que têm muito a revelar sobre o gosto e estilo de vida constituídos por meio deste esporte distintivo.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR MAIS PESSOAS NEGRAS JOGANDO TÊNIS AO INVÉS DE CATAR BOLINHAS**

Esta pesquisa de mestrado se debruçou sobre o lazer de pessoas negras praticantes do tênis de campo, uma modalidade esportiva que, conforme tratado ao longo da dissertação, é carregada de valores distintivos e elitizados porque possui um capital simbólico, econômico e cultural denotador de prestígio, conforme elucidado por Pierre Bourdieu. Esta pesquisa articulou, assim, a teoria da distinção no campo esportivo de Bourdieu com o lazer de pessoas negras que praticam o tênis, tradicionalmente considerado um esporte reservado às elites de pele branca.

Conforme destacado por Bourdieu (2004) em sua obra *Coisas Ditas*, no capítulo “Programa para uma Sociologia do Esporte”, o aprofundamento epistemológico sobre o tênis demanda uma análise mais detalhada sobre este esporte em relação às demais práticas esportivas. Segundo o autor, entre outros aspectos, uma análise com este enfoque possibilita identificar em qual posição se encontra o esporte no espaço social das demais modalidades esportivas. O autor argumenta que o espaço social dos esportes é constituído por alguns indicadores e, de um lado, está a distribuição dos praticantes e das federações no espaço social e o número de praticantes e as suas riquezas; já do outro lado se apresenta a relação que determinado esporte exige e atribui aos corpos dos praticantes.

Foram entrevistadas, nesta pesquisa, 10 pessoas negras praticantes do tênis, das quais apenas duas são mulheres, o que mostra a existência de desigualdades de gênero além das demais que foram identificadas por Bourdieu. Junto a esses sujeitos, foram investigadas as vivências de lazer no espaço social reservado à prática desta modalidade, considerando os aspectos distintivos que configuram este esporte. Os principais resultados evidenciam que o tênis constitui, de fato, um espaço social marcado pela hegemonia masculina branca cujo acesso e permanência dependem, a princípio, do capital econômico adquirido.

Apesar da prática esportiva do tênis ser uma escolha de lazer de pessoas negras, a partir do gosto e do estilo de vida legitimados social e culturalmente, esta modalidade ainda é um campo esportivo delimitado pelos obstáculos distintivos decorrentes de desigualdades socioeconômicas, políticas, culturais e raciais, entre outras.

Diante deste contexto, surge a necessidade de insurgências para se apossar de bens, serviços e espaços sociais de esporte e lazer que as pessoas brancas legitimaram como sendo seus, a fim de se promover uma mobilidade social que, no caso desta pesquisa, diz respeito a pessoas negras no campo esportivo do tênis. Assim, pode-se superar as dinâmicas de espaços fixados por sistemas iníquos de desigualdades sócioeconômicas e raciais, através de uma luta organizada do povo negro contra toda e qualquer forma de exclusão (Sodré, 2023).

Foi constatado, a partir da análise do material bibliográfico e do discurso dos entrevistados, alguns fatores que têm contribuído para o entrave do processo de democratização deste esporte no país. Dentre eles, podem ser destacados: a falta de instalações públicas adequadas para prática do tênis, a ausência de disciplinas de graduação dedicadas a esse esporte, bem como a carência de programas e políticas públicas de Ações Afirmativas para o ingresso e permanência de pessoas negras nos esportes de tradição elitizada no nosso país, como o tênis. Conforme enfatizado pelos entrevistados, os equipamentos utilizados no tênis são dispendiosos e a prática ocorre principalmente em ambientes privados que demandam custos elevados.

Mesmo que este estudo não tenha a pretensão de esgotar a temática, a presente pesquisa contribui com o conhecimento acerca da presença de pessoas negras no contexto dessa modalidade esportiva de perfil hegemonicamente branco e elitista. Este estudo, portanto, é um recorte do retrato social vivenciado por milhões de cidadãos negros no Brasil, pela dificuldade de acessar alguns bens e serviços historicamente reservados a poucos privilegiados.

Por fim, para fundamentar sobre a importância e a relevância deste estudo, destaco mais um trecho da excelente participação do entrevistado T5 Shelton, na pesquisa sobre o lazer de pessoas negras no tênis.

Eu creio que a pesquisa tem muita relevância e ela vai ajudar no debate, contribuir com uma reflexão, para que a gente pense não só no tênis, o tênis é somente um fundo, mas que a gente consiga refletir sobre a presença das pessoas negras na sociedade em geral, em como elas desenvolvem, em como elas são tratadas, em como elas são ouvidas, com que é o grau de investimento entre a variação, digamos assim, pela cor da população, como é que se investe na população branca, o tanto que se investe na população negra. A pesquisa tem muita relevância e certamente vai contribuir para que novos estudos, novas pesquisas vão surgindo em cima do assunto e a gente consiga refletir sobre uma questão tão importante como essa que é a

presença do negro... o papel do negro na população. (T5 Shelton entrevista concedida à pesquisadora em 27/02/2024).

Nessa perspectiva, é necessário e urgente impulsionar mais pesquisas sobre os processos históricos de diversificação social-racial no espaço sócio-geográfico do tênis e de outros esportes tradicionalmente reservados às elites brancas.

Diferentes propostas de estudo poderão ser apresentadas a partir do que foi abordado neste trabalho, como as barreiras interseccionais de raça e gênero que precisam ser aprofundadas e enfrentadas, criticamente, em nossa sociedade. Nesse contexto destaca-se a importância de pesquisar, também, as políticas públicas de fomento de acesso e permanência de pessoas negras no espaço social e geográfico do tênis. Dessa maneira, mais cidadãos e cidadãs brasileiros, em especial as pessoas negras, poderão vivenciar o lazer ao invés de ficarem apenas "catando bolinhas" para alguns privilegiados.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Rev.bras. Edu.Fis. Esporte**; São Paulo. v. 26, n1, p. 63-76, jan./marc. 2012.
- ALBUQUERQUE, D. B.; SILVA, M. I.; MIRANDA, Y. H. B.; FREITAS, C. M. S. M. Corrida de rua: uma análise qualitativa dos aspectos que motivam sua prática. **R. bras. Ci. e Mov** 2018;26(3):88-95
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALOIAN, Addison. **Uma breve história das chuteiras brancas de tênis**. L'officiel: 2022. Disponível em: <https://www.officielusa.com/fashion/history-of-tennis-whites-trend-summer-2021>. Acesso em: 10 maio 2024.
- ALVES, Emiliano Rivello. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 179-184. jan./abr. 2008.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao Lazer**. 2ª edição. Rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2012.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- AZEVEDO, Tales de. **As Elites de Côr** – Um estudo da ascensão social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- BELLINAZO, Rafaela Gonçalves; ENGERS, Patrícia Becker; ILHA, Phillip Vilanova. Tênis de campo como projeto social. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e42011932035, 2022.
- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **Coisas Ditas**; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. Teixeira – 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS:Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. (1983). Gostos de classe e estilos de vida. In: **Sociologia**. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão** – Maria Lucia Machado – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação: tradução: Mariza Correa – Campinas. SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1998.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In:\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983, p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

BRUSTOLIN, M. **Tênis no Brasil**: História, ensino e ideias. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.) *et al.* **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CARTA, Gianni; MARCHER, Roberto. **O Tênis no Brasil**: De Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten. Códex, 2004.

CHIÉS, Paula Viviane. Decolonialidade e Esporte: mulheres negras na Linha de Chegada. **Corpo consciência**, Cuiabá-MT, v. 28, e17217, p. 1-16, 2024

COMITÊ Científico do Núcleo Ciência pela Infância. **Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância** [livro eletrônico] / -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021.

CORTELA, Caio Correa *et al.* **Iniciação Esportiva ao Tênis de Campo**: Um Retrato do Programa Play and Stay à Luz da Pedagogia do Esporte. *Conexões*: revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, v. 10, n.2, p. 214-234, maio/ago., 2012.

CORTELA, Caio Corrêa; SOUZA, Silvio Pinheiro de (org.). **Tênis com ciência**. Curitiba: CRV, 2021.

DIAS, José. Vênus e Serena: Uma Saga Extraordinária do Mundo do Tênis. **Medium**: 2024. Disponível em: <https://medium.com/@jmborduas/venus-e-serena-williams-uma-saga-extraordinária-no-mundo-do-tenis-2024>. Acesso em: 02 ago. 2024.

DUARTE, Orlando. **História dos Esportes**. 6ª edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Senac, 2016.

DUARTE JUNIOR, Dimas Pereira. A Autodeclaração e as Medidas Afirmativas para a Promoção da Igualdade Racial no Brasil. **Rev. Fac. Dir. UFG**. Goiânia, v. 43, p.01-17, 2019.

DURING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **O processo civilizador**; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA JUNIOR, Neilton e Souza; RÚBIO, Katia. **Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro**: implicações para a Psicologia Social. São Paulo: Képos, 2019.

FERREIRA JUNIOR, Neilton de Souza. **Olimpismo negro**: uma antologia das resistências ao racismo no esporte por atletas olímpicos brasileiros. USP. 2021.

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Armando; VIEIRA, Silvia. **O que é Tênis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra - COB, 2009.

GIFFONI, Edmundo. **Tênis** – Catarse Moderna. Porto Alegre: FEPLAM, 1989.

GOMES, Anderson Soares. Racismo e Paradoxo da Visibilidade em Cidadã, de Cláudia Rankine. **Texto Poético**, ISSN: 1808-5385, v. 19, n.40, p. 56-78, set./dez. 2023.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.) *et al.* **O Lazer em Debate**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter *et al.* Uma história do tênis no Brasil: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 3, p. 11-12, 2018.

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz Medeiros. Preconceito racial no esporte nacional. **Esporte e Sociedade**. ano 10, n 24, mar., 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

ISAYAMA, Hélder Ferreira *et al.* Barreiras de acesso ao lazer das mulheres segundo raça/cor e classe social nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.7, n. 2, p.1-22, mai./ago. 2020.

KROGER, Klaus; MEMMERT, Daniel; ROTH, Klaus. **Jogos de Rede e Raquete**. 1ª edição. São Paulo: Phorte, 2017.

LAKE, Robert James. **Social Exclusion in British Tennis**: A history of Privilege and Prejudice. p. 46-72. Tese (Doctor of Philosophy) – Brunel University, France, 2008.

MASCARENHAS, Breno. **Tênis e Racismo**. Disponível em: <http://criativoshttps://www.criativos.blog.br/post/esportes-t%C3%A9nis-e-racismo-por-brenno-mascarenhas>. Acesso em: 05 de ago. 2024.

MACIEL, Evellise. **Serena Willians**: Uma inspiração além do esporte. 2017. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/serena-williams-uma-inspira%C3%A7%C3%A3o-al%C3%A9m-do-esporte>. Acesso em: 05 de ago. 2024.

MARTINS, Pollyanna. **Sociologia do Esporte**. São Paulo: Sobral, 2016

MELO, Beatriz Medeiros. Preconceito racial no esporte nacional. **Esporte e Sociedade**. Ano 10, n. 24. mar., 2015.

MELO, Victor Andrade. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 29 (2): e 79300. maio/ago., 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n279300.

MEZZAROBBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. “**Os herdeiros**”: questões sobre o campo esportivo. Florianópolis :Revista Linhas; v. 15, n. 29, p. 317-340, jul./2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEPOMUCENO, Leo Barbosa *et al.* A esportivização do surfe: reflexões a luz de Pierre Bourdieu. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 32, n. 62, p. 01-17, abr./jun., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

NUNES, Walter Jacinto. **Tênis**: a arte, o jogo, o esporte: um manual prático indispensável no contexto escolar e em praça pública. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

NUNES, Walter Jacinto. **Tênis**: Metodologia e Técnica. Rio de Janeiro: Shape, 2010.

OBSERVATÓRIO. **Primeira tenista negra a jogar** - e vencer - em Wimbledon, Althea Gibson foi um ícone do combate ao racismo no esporte. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://observatórioracialfutebol.com.br/primeira-tenista-negra-a-jogar-e-vencer-em-wimbledon-althea-gibson-foi-um-ícone-do-combate-ao-racismo-no-esporte/> Acesso em: 16 jun. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica / Dennis de Oliveira. -- 1. ed. - São Paulo: Editora Dandara, 2021.

ORTIZ, Renato (org.). 1983. **Bourdieu** – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121

RAMOS, Livia Tavares. **Da Glória ao Esquecimento**: Uma análise narrativa do documentário Althea. Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Educação – FAGED – Jornalismo, 2018.

REICH, Evânia Elizete. A distinção das classes sociais segundo o conceito de capital cultural de Bourdieu, e a teoria da classe de lazer de Thorstein Veblen. **Saberes**, Natal RN, v. 1, n. 15, maio, 2017, 81-105.

REIS, João Lucas. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/epis%C3%B3dio-6-jo%C3%A3o-lucas-reis>. Acesso: em 03 ago. 2024.

RIBEIRO, Lucas Mendes. **Futebol de Várzea** – Espaço de Insurgências. Dissertação de Conclusão de Mestrado. 2020

RÚBIO, Katia; FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa. **Racismo e Esporte no Brasil**: um panorama crítico e propositivo. 1ª ed. São Paulo: Editora Tato: Grupo de Estudos Olímpicos, 2023.

SANTOS, Alessandro de Oliveira; FILHO, Marcio Antônio Tralci. O Discurso da Supremacia Branca e o Esporte: Um Estudo a partir de Textos e Comentários na Internet. **Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 2 29-248, jan./mar. De 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**: Jornais, escravos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de dados Qualitativos. **Qualit@s** Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015)

SOUZA, Juliano de. JUNIOR; MARCHI, Wanderley. Bourdieu e a sociologia do esporte Contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2; Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, ago., 2017.

SOUZA, Leandro Rodrigo Santos de Souza. **Tênis**: um *lob* de direita. Disponível em: [www.gpef.fe.usp.br/teses/Leandro\\_Souza\\_08](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/Leandro_Souza_08). Acesso em: 20 set. 2023.

TENIS Brasil. **Gauff espera continuar o legado das irmãs Willians**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://tenisbrasil.uol.com.br/gauff-espera-continuar-o-legado-das-irmãs-Willians.html>. Acesso em: 16 jun. 2024.

VESPUCCI, Ana Cândida. **60 anos de Harmonia**: o tênis no Brasil. São Paulo: Empresa das Artes, 1990.

VIANA, Iara Félix Pires. **Trajetórias Socioespaciais Narrativa Cinematográficas de Lazer de Cineastas Negras**: intersecções entre racismo e sexismo. Tese

(Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

VOLTAS, Juan. **O tênis começa aos Quarenta**. São Paulo: Paulicéia, 1996.

## ANEXOS

### ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A entrevista será conduzida a partir de resposta de tenistas (amadores e ou profissionais) de pele negra, com roteiro semiestruturado

#### 1 - Perfil socioeconômico

Idade, escolaridade, pertencimento étnico-racial, gênero, profissão e renda mensal.

#### 2 - Opção pelo tênis como prática esportiva do lazer

O tenista será indagado sobre como teve seu interesse despertado para o tênis como prática esportiva de lazer.

#### 3 - História de vida

Como se vê como uma pessoa de pele negra que pratica o tênis em seus momentos de lazer?

#### 4 – Trajetória socioespacial

O entrevistado será indagado de como é ser uma pessoa de pele negra no contexto de um esporte tido como sendo de elite com a supremacia de pessoas de pele branca

#### 5 – Racismo Epistêmico

O entrevistado será indagado se já sofreu alguma forma de discriminação racial na prática do tênis, e como ele se posicionou diante do fato.

#### 6 – Formas de manifestação do racismo

O tenista será indagado se caso já tenha sofrido alguma forma de discriminação, como ela se deu. (Ex.: Assédio moral, chamadas excessivas de atenção, perseguições em quadras, brincadeiras maldosas, proibições e outras formas).

#### 7 - Interferências na experiência de esporte e lazer

Caso o entrevistado responda positivamente para já ter sofrido racismo durante jogo e ou aulas de tênis, saber se para ele isto interferiu na sua experiência de lazer

#### 8 - Competição permeada por conflito racial

Saber do entrevistado se ele acredita que o caráter competitivo no jogo de tênis de pessoas de cor de pele distinta aguça as relações de conflito com viés racial.

#### 9 - Ações Afirmativas no tênis

O entrevistado será indagado sobre sua opinião acerca da criação e fomento de ações afirmativas nas escolas e universidades para viabilizar um acesso mais democrático de pessoas de pele negra no esporte do tênis.

#### 10 - Amador e Alta Performance

O entrevistado será indagado sobre quais são os seus interesses e aspirações quanto aos níveis de prática do esporte do tênis, seja como amador ou profissional (alto rendimento). Se já participou de algum campeonato (municipal, estadual, nacional ou internacional) por lazer, e se não, o porquê.

#### 11 - Representatividade

O entrevistado será indagado se ele acredita que tenistas de pele negra profissionais, de alto nível, representam as pessoas de pele negra que praticam como lazer, identificando quem são esses profissionais, e porquê.

#### 12 - Ocupação de espaço e resistência

O entrevistado será indagado se ele acha que o espaço social do esporte do tênis pode ser um local para ocupação de território e resistência contra o racismo.

### 13 - Jogos inter-raciais

O entrevistado será indagado se prefere jogar com outro tenista de pele negra, ou com pessoas de pele branca, ou isso não importa. E se na concepção dele as relações de poder modificam quando o parceiro do jogo é do mesmo grupo racial.

### 14 – Tênis como canal de ascensão social

O tenista será indagado se ele acredita que o tênis, seja como uma vivência de lazer ou de profissionalismo, é um canal de acessão social para as pessoas de pele negra

### 15 – Barreiras de acesso ao tênis

O entrevistado será indagado se para ele a vivência do lazer através do esporte do tênis é acessível para todas as pessoas de pele negra, e se não quais são na opinião dele as barreiras para a acessibilidade

## ANEXO B - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

Número da entrevista : \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Sexo: F (     )     M (     )

### BLOCO 1

#### **PERFIL SÓCIOECONÔMICO**

1– Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Ensino Fundamental (completo e incompleto)
- (B) Ensino Médio (antigo segundo grau)
- (C) Superior Completo
- (D) Pós graduação Latu sensu (Especialização)
- (E) Pós graduação Stricto Sensu (Mestrado ou Doutorado)

2 – Qual é a sua idade?

- (A) 18 anos
- (B) Entre 19 e 25 anos
- (C) Entre 26 e 33 anos
- (D) Entre 34 e 41 anos
- (E) Entre 42 e 49 anos
- (F) 50 anos ou mais

3 – Como você se declara?

- (A) Branco
- (B) Pardo
- (C) Preto
- (D) Amarelo

4 – Qual é o seu estado civil?

- ( A) Solteiro (a)
- (B) Casado (a)/mora com companheiro (a)
- (C) Separado(a)/Divorciado (a)
- (D) Viúvo (a)
- (E) Outros

5 – Qual sua renda mensal individual?

- (A) Nenhuma
- (B) Até 02 salários mínimos
- (C) De 3 a 5 salários mínimos
- (D) De 6 a 08 salários mínimos
- (E) De 09 a 12 salários mínimos
- (F) Acima de 12 salários mínimos

6 – Em que você trabalha atualmente?

- (A) Na indústria
- (B) Na agricultura, o campo, na fazenda, na pesca
- (C) Na construção civil
- (B) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços
- (C) Como funcionário do governo federal, estadual ou municipal
- (E) Como profissional liberal, professor (a) ou técnico de nível superior
- (F) Não trabalha
- (G) Outros \_\_\_\_\_

7 – Quantas horas semanais você trabalha?

- (A) Sem jornada fixa, até 10 horas semanais
- (B) De 11 a 20 horas semanais
- (C) De 21 a 30 horas semanais
- (D) De 31 a 40 horas semanais
- (E) Mais de 40 horas semanais
- (F) Não se aplica

## BLOCO 2

### **EXPERIÊNCIA PESSOAL NO TÊNIS**

1 – Há quanto tempo você pratica o tênis?

2 – O tênis é para você uma experiência de Lazer?

3 – Por qual motivo você escolheu o tênis como uma forma de esporte e lazer?

4 – Onde você pratica o tênis? Por que você escolheu esse local?

5 – Quais são as suas aspirações no tênis, esporte para diversão, ser um jogador amador ou profissional? Por que?

6 – Onde você pratica o tênis existem outras pessoas de pele negra praticando?

7 – Como você descreve a sua experiência como uma pessoa de pele negra inserida no esporte do tênis?

**BLOCO 3****ESPAÇO SOCIO-ECONÔMICO E GEOGRÁFICO DO TÊNIS**

- 1 – Na sua opinião o tênis é um esporte popular ou de elite e porquê?
- 2 - – Você já sofreu alguma forma de discriminação racial enquanto praticante do tênis? Se sim, como você reagiu?
- 3 – Você acredita na existência de racismo na cadeia estrutural do tênis?
- 4 – Na sua opinião o número de praticantes de pessoas de pele negra no tênis tem aumentado? Por que?
- 5 – Você acredita que existem barreiras socioeconômicas ou raciais que impedem o acesso e ou a permanência de pessoas de pele negra no tênis?
- 6 – Você acredita que os tenistas de pele negra, nacionais ou internacionais representam bem a coletividade nos aspectos da negritude? Cite o nome de um jogador de pele negra que você admira.
- 7 – Você descreveria o tênis como um canal de ascensão social para as pessoas de pele negra? Por que?
- 8 – Você acredita que deve haver mais políticas públicas para o esporte do tênis?
- 8 – Sobre a presença de pessoas de pele negra no tênis você gostaria de acrescentar mais alguma informação que não tenha sido contemplada nas perguntas anteriores?

## ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Voluntário (a),

É com grande prazer que o (a) convidamos a participar da pesquisa **PELE NEGRA NO TÊNIS: ESPORTE DE ELITE E LAZER** - A distinção no tênis segundo Bourdieu. Desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christianne Luce Gomes e do Prof. Dr. César Teixeira Castilho e pela Mestranda Rita de Cassia Marques.

O objetivo geral desta pesquisa é pesquisar sobre a presença de pessoas de pele preta praticantes do tênis de campo, em quadras públicas e clubes fechados na cidade de Belo Horizonte, e sua participação contribuirá muito para o aprofundamento e avanços no campo de estudos do lazer. A metodologia para elaboração deste trabalho se pautará em pesquisa bibliográfica sobre a história e teorias sociológicas sobre o esporte do tênis e entrevistas. Caso você aceite contribuir com esta pesquisa, a entrevista será realizada pessoalmente em local, data e horário definido por você. Para registro das informações gostaríamos de utilizar um gravador de áudio, caso você não aceite, serão realizadas anotações para registro. Se for mais confortável para você podemos realizar as entrevistas também por meio de um formulário virtual do Google Forms a ser enviado para o seu e-mail.

Esclarecemos que não haverá nenhuma despesa de sua parte para a participação nesta pesquisa, nem remuneração financeira e/ou recompensa de qualquer natureza pela sua entrevista, sendo essa participação totalmente gratuita e voluntária.

A sua identidade não será revelada publicamente. Com relação os riscos, caso você sinta algum desconforto no decorrer do seu relato ou com algum tema que apareça na entrevista, terá total liberdade para não responder alguma pergunta ou interromper a entrevista quando e como quiser, sem qualquer tipo de prejuízo. Além disso, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar/cancelar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Todas as informações coletadas receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados única e exclusivamente para a referida pesquisa, sendo mantidas sob sigilo no laboratório de pesquisa LUCE/UFMG pelo período de 05 anos, bem como as transcrições das mesmas.

Você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir por meio dos pesquisadores responsáveis e do Comitê de Ética em Pesquisa COEP/UFMG localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005. Campos Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31.270-901. E-mail:coep@prpq.ufmg.br. Tel. 3409-4592.

Se você entendeu a proposta do estudo e concorda com os termos, favor assinar abaixo, concedendo-nos o seu consentimento formal.

Desde já agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Christianne Luce Gomes

Tel. (031) 3409-2335

email: [chris@ufmg.br](mailto:chris@ufmg.br)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> César Teixeira Castilho

Tel. (031) 3409-2335

email: [castcesarster@gmail.com](mailto:castcesarster@gmail.com)

---

Mestranda : Rita de Cassia Marques

Tel. (031) 98298.5326

e-mail: [ritamarquesdireito@gmail.com](mailto:ritamarquesdireito@gmail.com)

---

#### AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_ portador (a) do documento de Identidade nº \_\_\_\_\_ fui informado (a) do objetivo e justificativa do estudo. Sabendo disso, aceito participar da pesquisa intitulada **PELE NEGRA NO TÊNIS: ESPORTE DE ELITE E LAZER** - A distinção no tênis segundo Bourdieu, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais sob responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Christianne Luce Gomes e do Prof.<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> César Teixeira Castilho. Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a respeito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Estou ciente de que a qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação se assim desejar. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler ou escutar, além de esclarecimento de dúvidas.

Portanto livremente dou o meu consentimento para a realização da entrevista.

Belo Horizonte, XX de XXXX de 2023

---

Assinatura do (a) voluntário (a)

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E DA IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade nº. \_\_\_\_\_, autorizo o uso da minha voz e imagem nas gravações presenciais. Todas as fotografias e gravações de áudio serão realizadas pelo pesquisador responsável, com o fim específico somente de compreender sobre a presença de pessoas de pele preta praticantes do tênis de campo, em quadras públicas e clubes fechados na cidade de Belo Horizonte. Eu não terei nenhuma remuneração financeira e/ou recompensa de qualquer natureza.

A presente autorização abrangendo o uso da minha voz e imagem na pesquisa **PELE NEGRA NO TÊNIS: ESPORTE DE ELITE E LAZER** - A distinção no tênis segundo Bourdieu; e todas as informações gravadas receberão um tratamento ético de confidencialidade sendo utilizadas única e exclusivamente para os fins da referida pesquisa, mantidas sob sigilo no laboratório de pesquisa LUCE/UFGM pelo período de 05 anos, bem como as transcrições das mesmas.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos da voz e imagem.

Belo Horizonte, XX de XXXXX de 2023

---

Assinatura do (a) voluntário (a)

(Obs: Caso a entrevista seja pelo Google Forms, o entrevistado deverá assinar um termo como este)

(       ) Aceito (Aceite será on-line)

E-mail:

## APÊNDICE – Premiação Concurso Fotográfico “Lentes Acadêmicas”



Com a fotografia intitulada “O corpo negro no esporte branco” a técnica de enfermagem, Rita de Cassia Marques, ganhou o prêmio na categoria “Diversidade” no concurso fotográfico “Lentes Acadêmicas”, promovido pela Fundação de Apoio da UFMG (Fundep), em prol da promoção de imagens da atuação de estudantes, docentes e servidores no âmbito de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Mulher negra, tenista amadora há cerca de cinco anos e amante da fotografia há décadas, Rita de Cássia Marques abordou a presença de corpos negros no contexto do tênis, e considera que a imagem representa um registro decolonial da presença da negritude em uma modalidade esportiva majoritariamente branca e elitista.

Além de técnica de enfermagem, a autora da fotografia é bacharel em Comunicação Social pelo Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira, com uma especialização *latu sensu* pela antiga Fafi-BH (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte), além de bacharel em Direito formada pela PUC Minas. Atualmente, Rita Marques faz parte da equipe de servidores do Centro Esportivo Universitário (CEU), e é mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Lazer na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

(EEFFTO) da UFMG, com seu objeto de estudo sendo “A presença da pele negra no esporte do tênis”.

Em entrevista, Rita Marques conta que começou a se apaixonar pela fotografia ainda no curso de Comunicação Social, quando teve familiaridade pela primeira vez com a temática. A partir deste contato, participou de diversos cursos até alcançar a carreira de fotógrafa profissional, posteriormente interrompida.

Associando sua paixão pelo esporte, pela fotografia e motivada por seu objeto de estudo, a autora produziu a foto no Centro Esportivo Universitário (CEU). Para ela, o espaço é uma fonte de inspiração, contemplação, diversão e meditação. Premiada com um microcomputador portátil, a servidora considera que o maior prêmio, na verdade, foi a vitória na categoria, repleta de simbolismo.